



COREOGRAFIA INSTITUCIONAL

Escola Municipal Severino David

Residente: Paulo Vitor Galdino da Silva

Gestor: Jucileide Felix de Aguiar

2018

COREOGRAFIA INSTITUCIONAL

1.A ANTECIPAÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

O projeto de Residência Docente em Ensino de Ciências foi proposto por Marcos Alexandre de Melo Barros, docente da Universidade Federal de Pernambuco, e Fredson Murilo da Silva, mestrando em Ensino de Ciências e Matemática, tendo enfoque em formar docentes e discentes mediante as práticas pedagógicas inovadoras. As atividades que contemplam a pesquisa estão sendo desenvolvidas na cidade de Feira Nova no estado Pernambuco perante o apoio do prefeito Danílson Gonzaga e do secretário de educação Claudison Vieira.

Em suma, a Residência Docente vem como uma proposta inovadora nas esferas educacionais, permitindo uma maior flexibilidade e conexão das escolas com o campo universitário mediante a um ensino sistêmico baseado em temáticas transversais e abordagens alternativas que possibilitem a formação e prática docente, dessa forma, modulando o cenário atual escolar.

Sob uma análise crítica-construtivista os doze residentes (estagiários), previamente selecionados, tem a finalidade de realizar uma investigação no campo educacional, e, posteriormente, desenvolverem atividades no seio escolar que possam mitigar as lacunas e os problemas previstos nas escolas campo.

Em princípio, os residentes passaram por uma capacitação acerca das diagnoses que iriam realizar na escola, em relação a uma análise visual, considerando diversos aspectos que possam ascender uma problemática escolar, desde a percepção de uma infraestrutura física inadequada até a forma comportamental da interação docente-discente (ou vice-versa), bem como as potencialidades que instituição apresenta.

Nas reuniões internas, entre os residentes, foram apresentadas inúmeras propostas de diagnoses, além da compreensão do papel docente no âmbito escolar. Entre as diversas literaturas vista nas reuniões, traz o destaque para as coreografias didáticas de Zabalza (Anexo 4), uma teoria cujo faz alusão ao universo das artes, que é marcado pelas danças e ritmos, com as práticas pedagógicas de ensino, que ecumênicos vão consistir nas coreografias didáticas. Nessa perspectiva, o professor é o coreógrafo e coordenar os movimentos do processo de aprendizagem dos seus discentes os conduzindo a uma aprendizagem significativa.

Segundo Zabalza, as coreográficas didáticas seguem uma sequência de análise para a sua aplicabilidade como (1) antecipação do plano de ação a ser desenvolvido (2) aplicação das atividades previstas (3) construção do significado da ação realizada (4) generalização da experiência (5) reflexões sobre experiência similares.

Neste princípio, objetivamos coreografar as escolas de Feira Nova a fim de tentar trazer um modelo de ensino-aprendizagem com um aspecto transversal de cunho dinâmico para o campo pedagógico. Soma-se a isto, compreendemos o processo das formações continuadas para docentes no Brasil baseado na literatura o Instituto Ayrton' Senna (IAS).

Foi solicitada para os estagiários a elaboração de perguntas que serviu como mediadores no exercício de análise a campo durante a imersão nas escolas, quanto a isso, outras perguntas foram elaboradas para que os docentes preencham-se, desse modo iríamos obter uma informação individual acerca das necessidades intrínsecas de cada professor, trazendo um parâmetro de análise mais robusto.

Cada residente recebeu uma apostila, no qual os auxiliaram como um dos objetos de mediação durante o processo de observação, na mesma apresentava alguns indicadores de qualidade, desde a análise do ambiente físico até a gestão escolar. Assim como, recebemos algumas cartilhas denominadas de *checklist* em que se tratava da análise do modo de ensino docente (se era motivador ou não para aqueles alunos) e do seu planejamento em relação as suas atividades letivas para que na segunda imersão possam-se ser aplicadas com os docentes.

Durante nos encontros compreendemos a importância de um grupo focal como método de diagnóstico escolar simples e rápido. Nesta acepção, para sua realização é necessário de um mediador/moderador em que irá seguir um roteiro pré-estabelecido, em seguida, é criado na roda um ambiente para escuta das diferentes concepções dos estudantes, e no final desse processo faz-se necessário que todos cheguem a um consenso comum.

Diante este panorama, as reuniões foram primordiais, pois nos forneceu uma capacitação para atuar na referida escola, obtendo desse modo o máximo de informações possíveis para que durante a imersão sabermos onde iremos atuar, mediante o cenário de necessidade do corpo escolar.

2. A COLOCAÇÃO EM CENA

2.1 DIAGNÓSTICO DA ESCOLA

Feira Nova é uma cidade situada no agreste de Pernambuco sendo caracterizada por apresentar a agricultura como umas das fontes de renda familiar. A cidade, em termos educacionais apresenta dez escolas na rede municipal de ensino.

A escola concebida a mim como residente foi o Grupo Escolar Severino David, a mesma é de rede municipal e atende as categorias de Ensino Infantil (pré I e II) e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A escola apresenta uma excelente infraestrutura física (Quadro 1), mesmo pequena a instituição abriga quatro salas de aula, sobretudo, ainda se têm a ausência de um espaço laboratorial de ciência-biologia para que os estudantes possam vivenciar na prática o conteúdo abordado em aula, também a inexistência de uma sala de informática e uma biblioteca para estudos.

Quadro 1. Análise do residente sobre os componentes físicos da escola

AMBIENTE FÍSICO ESCOLAR	
ESPAÇOS	OBSERVAÇÕES GERAIS
Banheiros	Há banheiros disponíveis para toda comunidade escolar, sendo os dos alunos separados dos professores. Todos apresentam boas condições de limpeza e produtos de higiene.
Biblioteca	Existe um espaço, na qual deveria ser a biblioteca, no entanto, está sendo utilizado para guardar materiais de cunho didático, como instrumentos musicais e livros. Sendo assim, a biblioteca não tem

	funcionamento, passando boa parte do tempo fechada, sem a utilização dos estudantes.
Cozinha	O espaço é pequeno e poderia ser ampliado. Faz-se necessário a inserção de ventiladores neste espaço, pois, o ambiente não é muito arejado, bem como prateleiras adequadas para organização dos produtos alimentícios. A mesma apresenta os utensílios ideais para preparação da merenda. Convém ressaltar, que a merenda apresenta variações durante os dias da semana.
Laboratório de informática e ciências-química-física	Não contém.
Quadra poliesportiva	Não contém.
Sala para diretoria	Relata-se a presença, mas a sala é compartilhada pelos funcionários, como a coordenadora, secretária e auxiliaadoras. Além disso, o espaço é pequeno para acomodar tal número de pessoas.
Salas de aula	Algumas são ventiladas devido à presença de janelas, ao contrário de outras, que são abafadas e só tem um ventilador para suportar toda turma.
Sala dos professores	Não contém. É comum observar os docentes durante o recreio nas suas respectivas salas ou pelo pátio. No caso das reuniões dos professores, geralmente é realizado nas salas de aula pelo fato de não apresentar a tal sala.
Pátio escolar	O pátio é seguro, todavia, não há brinquedos para os alunos brincar, apenas uns bambolês. Durante o período de observação, não se percebeu a utilização do pátio para atividades pedagógicas.
Água filtrada	Há bebedouro disponíveis em cada sala com água mineral, caso de falta o bebedouro sempre é restabelecido.

FONTE: O autor.

Em relação aos elementos tecnológicos, a escola contém uma impressora, comumente utilizada para imprimir documentos bem como as atividades dos estudantes, e um retroprojetor, que para sua utilização é necessário um agendamento prévio. De acordo com o site da QEdU, não há retroprojetor na escola, mas têm televisão, o que foi visto ao contrário durante a análise do residente.

Segundo os dados da SAEPE 2017, sob análise da educação na escola Severino David, percebe-se que houve um crescimento significativo na proficiência no ensino de português para a turma do 2º ano em 2017 em comparação ao ano de 2015, sendo a média de 560.9 e 534.7, respectivamente, superando Pernambuco com aproximadamente 528 para 2017. Convém ressaltar, que a turma do 5º ano em 2017 passou Pernambuco (proficiência de 197.8) e do próprio Município (proficiência de 207,2) com a proficiência de 204,3 para português, o mesmo para matemática com 217,2.

Tabela 1. Análise geral do aprendizado dos alunos da escola Severino Davi.

		Demonstram aprendizado	
		Português	Matemática
Escolas	Quantitativo de discentes analisados	Na leitura e interpretação	Nas competências de resolução de problemas

Severino David	35	5 – 16%	4 – 12%
Feira Nova	227	71 – 31%	49 – 31%
Pernambuco	79.213	29.497 – 37%	20.691 – 26%
Brasil	1.627.974	837.769 – 51%	642.392 – 51%

Fonte: QEdU (2015)

Nas questões de ensino-aprendizagem, a escola vem crescendo gradativamente ao longo do tempo espera-se superar as expectativas para o ano de 2018 alfabetizando os demais alunos. Segundo os dados da QEdU, verifica que a escola Severino David, exprime dados de aprendizado e resolução de problemas significativos em relação ao Brasil (Tabela 1).

2.2 PERFIL DOS PROFESSORES

A escola apresenta um quantitativo de oito docente responsáveis pela formação dos discentes. Os professores apresentam-se bastante flexíveis durante o processo de ensino-aprendizagem tentando alcançar todas as idiossincrasias de cada discente. Existem aqueles que possuem uma certa dificuldade em conduzir as aulas, como também docentes bastante desestimulados e presos as mesmas didáticas de ensino. Sob a aplicação de um questionário foi possível ter uma perspectiva acerca dos desafios docentes, entre-os está ao iniciar o ano letivo cujo foi:

Professor 1 – *“Ter encontrando no 5º ano, alunos que ainda não sabem ler, nem escrever.”*

Professor 2 – *“A quantidade de alunos, os pais na escola.”*

Professor 3 – *“Indisciplina, compromisso da família, alunos sem material, entre outros.”*

Professor 4 – *“No início do ano letivo pode ser um pouco difícil por conta não só das incertezas do futuro em sala de aula, mas por conta de experiências prévias negativas vividas por cada criança devido as novas adaptações. Mas tendo autonomia nos planos de aula, com temáticas interessantes e abrangendo espaços para dúvidas, são um dos principais processos para integrar os alunos e manter uma boa relação entre a escola, aluno e professor.”*

Os docentes relatam diversas metas pessoais para atingir com os seus alunos em 2018, como:

Professor 1 – *“Criar um ambiente alfabetizado, organiza-se efetivamente e personalização do aprendizado.”*

Professor 2 – *“Que a maioria sejam aprovados com o conhecimento adquirido.”*

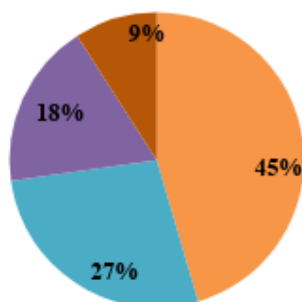
Professor 3 – *“Atender a necessidade da turma de acordo com a sua realidade, bem como, ter uma aprendizagem produtiva, criativa e coletiva.”*

Professor 4 – *“Apoio da escola.”*

As oficinas mais solicitadas pelos docentes e grande parte associada as suas dificuldades e inovação no processo de ensino está em:

ATIVIDADES SUGERIDAS

- Formação Português e Matemática
- Produção com gêneros textuais; Auto estima; Oficina de Matemática; Construção de Horta Escolar;
- Formação de produção de texto; Aprender ciências brincando
- Indisciplina na sala de aula; Provas externas; Trabalho em equipe; Novas metodologias no ensino; Ciências e Cidadania; Como utilizar os espaços escolares; Corpo Humano; Habitos de Higiene
- Aulas práticas; Sistema Solar; Técnicas de Ensino; Brincadeiras e Jogos
- Experimentação; Ludicidade; Psicomotricidade; Oficina de elaboração de mostra científica; Formação para mestrado; Visitas ao Cecine; Atividades Investigativas; Ciências e os alunos especiais



Na reunião dos professores realizadas percebeu-se que os docentes do turno da manhã não se importam com as propostas apresentadas pela gestora e a coordenadora, tudo que era dito era subentendido como “qualquer coisa está bom”, a coordenadora tentou trazer um vídeo do Bráulio Bessa cujo retrata-se do papel do professor na sala de aula, o vídeo serviu para abrir um espaço de diálogo entre os docentes, no entanto, os mesmos não dialogaram sobre o tema em questão, apenas os professores do turno da tarde se sentiram entusiasmados e comentaram a respeito levantando discussões e problemáticas, bem como contando sua experiência cotidiana.

No geral, a reunião foi crucial para resolver questões pendentes e poder analisar o atual o *rank* da escola pelo SAEPE 2017. Pouco se fala na reunião em realizar projetos e quando é tocado no assunto os professores ficam receoso, na verdade, os professores do turno da manhã são muito acomodados.

Não foi possível realizar a reunião de pais e mestres durante a semana de imersão na escola, dado que, quando é marcado entre a terça à sexta acredita que os pais não compareceram, uma vez que, grande parte dos mesmo trabalham na casa da Farinha, neste caso, a reunião não seria produtiva com poucos pais (segundo a gestora, geralmente, vai apenas dois ou três), para isso a reunião deveria ser marcada para uma segunda-feira, o que seria impossível para análise do residente que passou uma semana para realização das diagnoses.

2.3 PERFIL DOS ESTUDANTES

A instituição é composta por 188 estudantes com faixa etária em torno de quatro a quatorze anos de idade. Durante o período de imersão, observou-se que a grande maioria dos estudantes são atenciosos durante as aulas da docente, existem aqueles alunos hiperativos querendo deixar a turma bem agitada chamando atenção dos outros alunos,

além disso as conversas paralelas é algo rotineiro durante as aulas, no entanto, a docente consegue driblar esses desafios chamando atenção dos mesmos nas aulas.

No decorrer da aula os estudantes costumam fazer indagações em caso de dúvida da temática abordada ou de algum exercício realizado. É perceptível o interesse dos alunos pela leitura, principalmente daqueles que não são totalmente alfabetizados.

Observou que se a prática do respeito com o companheiro, pouco se relatou a prática do bullying nas salas, e quando há a docente repreende ou encaminha a direção.

Existe um estudante do pré-II que apresenta síndrome de west ou espasmo infantil, síndrome caracterizada por causar retardo mental e hipsarritimia. A estudante supracitada, acaba sendo um grande desafio para a docente nas vertentes da alfabetização, uma vez que, apresenta problemas no sistema nervoso impossibilitando um aprendizado afetivo, a acaba sendo inserida na escola apenas para promover a sua socialização com os outros discente.

Sob análise percebeu que a implementação da interdisciplinaridade e a diversificação de metodologias de ensino, como por exemplo, o uso de artefatos lúdicos, pode ser uma ferramenta eficaz para minimizar o ensino tradicional, pois, ainda assim, existem docentes com aulas limitadas e pautadas a livros didáticos como o único objeto de mediação no processo de ensino-aprendizagem, o que torna a aula demasiadamente monótona, desestimulante e conteudista/bancária.

No geral, os alunos da escola Severino David apresentam um perfil de interesse muito grande o que já se relata pelos dados do SAEPE, supracitado, o pela faixa etária dos alunos acredita-se que estão à disposição para diferentes investigação e aprendizagem, pois, é um dos melhores momentos para compreensão e entendimento de um determinado conteúdo.

2.4 PERFIL DA EQUIPE TÉCNICA

GESTORA – Jucileide Felix de Aguiar é formada em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco (UPE) com pós-graduação em Psicopedagogia pela FACOL – Faculdade Escritor Osman Da Costa Lins.

Durante o primeiro contato com a coordenadora, percebeu-se o entusiasmo em trazer inovação no âmbito da educação. Em conversa, a coordenadora relata que escola não apresenta uma proposta pedagógica de cunho relevante para o ano letivo, como por exemplo, construção de horta escolar, feira de conhecimentos, entre outros. A equipe é muito mais focada em alfabetizar alunos. A escola não tem um cronograma letivo sendo utilizado o cronograma letivo da prefeitura.

COORDENADORA – Haquira Narjara Silva Lima Araújo é formada em Pedagogia e apresenta pós-graduação em Processos Educacionais e Gestão de Pessoas em Educação pela FAINTVISA (Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão).

SECRETÁRIA – Kétima Nayane Bezerra Rodrigues Arruda é formada em Ciências Biológicas/Licenciatura pela FAINTVISA (Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão) com pós-graduação em Ensino de Ciências e Biologia. Atualmente, além de ser secretaria da referida escola é está vinculada como professora do estado na escola EREM Marilene Chaves de Santana. A mesma, juntamente com os outros profissionais estão

empenhados para terminar a produção do Projeto Político Pedagógico (PPP) que a escola ainda não apresenta.

AUXILIARES – Anna Thais Alves de Souza em formação em Pedagogia & Janeide Paulino de Albuquerque cursando técnico em Enfermagem.

A coordenadora, secretária e auxiliaadoras dão todo o suporte a gestora e são bastante proativas no quesito de eficiência, estando sempre dispostas a resolver qualquer situação e sempre trabalham em harmonia.

PORTEIROS – Existe duas porteiras na escola, ambas têm uma ótima relação com os alunos. Uma das porteiras tinha atrito com os outros funcionários da escola, sendo que a mesma mudou muito em comparação ao ano passado (relato dos funcionários), e, atualmente, a relação dela está melhor, em comparação antes.

MERENDEIRAS – Temos duas merendeiras chefes e duas auxiliares, sendo duas trabalhando no turno da manhã e duas no turno da tarde. Durante o processo de se servir a merenda as mesmas são bastante comunicativas e atenciosas com os alunos, compreendendo cada espaço e classe social.

2.5 POTENCIALIDADES DA INSTITUIÇÃO

Os banheiros apresentam uma higiene excelente, não tendo distinção entre o dos alunos e professores. Para suprir a carência da biblioteca cada sala apresenta um instante cujo contém livros paradidáticos para os ler durante o intervalo ou levar para fazer a leitura em casa. A presença de bebedouro nas salas de aula sempre sendo restabelecido com água mineral;

Existe espaços que podem ser utilizados como uma área para construção de brinquedos para que os alunos no horário recreativo possam também se desconectar um pouco da sala de aula, bem como para construção de uma horta escolar. Porém, para que haja a construção de uma horta escolar se tem inúmeras problemáticas, como foi relatado pela gestora que os animais da vizinhança (como os gatos) acabam destruindo o que foi plantado, pois, já foi implementado esse projeto na escola. Além disso a escolar provém de um espaço para elaborações de eventos.

A leitura, é uma ferramenta muito presente nas salas de aula, o que trabalhando o lado cognitivo do aluno, bem como as docentes mantém o hábito de chamar cada aluno na mesa para fazer as correções gramaticais, elucidando a forma correta a escrita das palavras.

Existe alguns alunos que possui uma maior flexibilidade no ato de expressão, todos são muito curiosos e estão sempre abertos a receber novas informações. Em relação a gestora, a mesma é proativa e tem um excelente convívio com a coordenadora, secretaria e os professores, e quando pensam em eventos, geralmente se articulam em conjunto, sendo muito aberta para o diálogo. Além disso, apresenta uma relação com os pais muito atenciosa.

2.6 FRAGILIDADES DA INSTITUIÇÃO

Entre as fragilidades da escola, é notório que o espaço escolar é pequeno, e que poderia ser ampliado para construção de novas salas, sendo assim, não se tem nenhum espaço recreativo para os discentes, inclusive para que sejam realizadas aulas extraclasse.

O laboratório é ausente na escola, no caso da biblioteca a mesma é presente, porém, não há funcionamento, com a sua presença poderia potencializar o cognitivo dos discentes além de despertar ainda mais o interesse pela investigação. Algumas salas são abafadas sendo um dos fatores que afeta negativamente no comportamento do aluno, deixando-os agitados nas aulas. A inexistência de uma sala dos professores impede uma possível conexão entre dos docentes durante o intervalo para eventuais discussões de futuros projetos na escola.

A gestão foca muito em eventos para datas comemorativas, porém, esquece de elaborar feiras de conhecimentos com intuito de enriquecer ainda mais a aprendizagem do alunado, a mesma não tem privacidade para conversar com alguma mãe de um aluno, devido a sua sala ser compartilhada entre a coordenadora e a secretária.

Os estudantes merendam dentro das salas de aula, assim, os mesmos deveriam ter um espaço para merendar. Assim também, não se tem uma quadra poliesportiva para os alunos praticar educação física. No caso dos recursos tecnológicos, como retroprojeto, o que poderia facilitar as aulas durante as elucidações.

1. MODELO BASE DE APRENDIZAGEM

AGENDA DE ATIVIDADES

FORMAÇÕES		
Meses	Professores	Alunos
Julho	Produções de gêneros textuais	Conhecendo a si mesmo
Agosto	Arte e Música no ensino	Sustentabilidade
Setembro	Trabalhar com alunos hiperativos	Aprendendo matemática por meio de jogos
Outubro	Autoestima: relação professor e aluno	Anatomia Vegetal
Novembro	Aprendendo matemática por meio de jogos	Conhecendo os animais
Dezembro	Construção de aulas no espaço escolar e em ambientes não-formais	Interpretação de texto: roda de histórias

OBSERVAÇÃO: É interessante articular o número de salas durante os dias de formações, pois, a ideia central do projeto é que quando os docentes tiverem em formação os alunos estejam nas oficinas com os residentes. No entanto, o número de salas não possibilita essa flexibilidade, uma vez que, não terá sala para a formação dos docentes.

3. ANEXO

2.3. As coreografias da aprendizagem

Esta dualidade de âmbitos onde se produz a experiência foi aplicada por Oser e Baeriswyl (2001) à aprendizagem, com a metáfora das coreografias, para tentar explicar como diversas organizações da experiência objetiva (coreografia externa) suscitam diferentes tipos de experiência subjetiva (coreografia interna). Sua ideia de partida é que se aprende como se ensina, ou seja, as diversas formas de organizar as situações de aprendizagem provocam diferentes processos internos nos sujeitos e, como consequência, diferentes tipos de aprendizagem.

Segundo os autores (2001, p. 1043), trata-se de uma metáfora extraída do mundo da dança para tentar explicar a ligação entre o ensino, entendido como configuração particular das situações de aprendizagem, e a aprendizagem efetiva:

Os passos da dança respondem, simultaneamente, a dois tipos de demandas: por um lado, o bailarino pode criar livremente no espaço disponível e mostrar todo o seu repertório expressivo; por outro, o artista se vê limitado pelos elementos que constituem a cenografia: o ritmo, a estrutura métrica, a forma e sequência da música etc.

Como acabamos de anotar com respeito à experiência, eles estabelecem dois níveis nas coreografias, um externo e outro interno:

- O nível *externo e visível*, composto pelos elementos materiais, organizativos, operativos e dinâmicos que configuram o espaço de ação e pensamento.
- O nível *interno e não visível*, que consiste nas operações mentais e nas dinâmicas afetivas ou emocionais que, condicionadas pela coreografia externa,

ocorrem no interior dos sujeitos. Este processo interno se configura como uma sequência de operações que levam a uma realização ou desempenho.

Ao final, como consequência do jogo de possibilidades e limitações em que se desenvolvem os dois processos, se chega a um produto ou resultado da aprendizagem. O estudante domina o conhecimento proposto e/ou está em condições de realizar as atuações e/ou expressar as habilidades práticas ou respostas atitudinais aprendidas.

Os professores compõem coreografias e encenações que dirigem o processo de aprendizagem de seus alunos. A diferença entre um professor especialista e outro que não possui especialização está não tanto no que conhece da matéria que ministra ou de sua competência no âmbito da pesquisa, mas sim da habilidade que apresenta para organizar coreografias didáticas que permitam a seus estudantes alcançarem aprendizagens efetivas e profundas.

No caso do estágio, a importância dessa dupla coreografia é fundamental. Há cenários de práticas tão minimalistas, seja nos recursos disponíveis, seja nas ações que nele se desenvolvem, seja nas ordens dadas aos estudantes e as tarefas encomendadas, que é difícil esperar que ali possam aprender algo relevante. É o importante é considerar que essa coreografia externa não se refere apenas aos adereços gerais de recursos disponíveis, mas a todo o conjunto de elementos materiais, organizativos, funcionais e afetivos que condicionam o processo interior (a coreografia interna) da experiência que os estudantes deverão ali vivenciar. Isso acontece, por exemplo, quando os estudantes

se incorporam a centros de práticas muito bem providos de recursos, mas são recursos aos quais não têm acesso; quando se executam operações complexas, mas os estudantes só participam delas como observadores; quando lhes é reservado um papel tão secundário e marginal que quase não há contato com as atividades centrais da instituição; quando o tratamento é displicente e desconfiado. Uma coreografia externa tão empobrecida dificulta qualquer processo interno relevante.

Oser e Baeriswyl (2001) entendem que essas sequências internas que levam à aprendizagem são bastante estáveis e generalizantes, o que permite identificar as diferentes “proposições-base” da aprendizagem e analisar seus componentes. Eles identificaram onze coreografias ou proposições na base de aprendizagem, cada uma delas derivada de outras tantas modalidades de coreografias externas.

Sua contribuição é de grande interesse para o estágio, porque, justamente, a primeira proposição-base que sugerem é a da aprendizagem por meio da experiência pessoal. Sua característica substantiva é que se trata de apropriar-se de novo conhecimento em contextos reais e com as coreografias complexas que são habituais nos sistemas produtivos e nos ambientes sociais.

Os processos deste tipo de aprendizagem possuem uma coreografia complexa destinada a estabelecer toda uma rede de conexões entre o que os sujeitos fazem em seu centro de estágios com o que aprendem nas salas de aula e com o que se descreve na bibliografia científica.

Seguindo a sequência de operações que caracteriza esta proposição-base de aprendizagem e aplicando-a ao

desenvolvimento do estágio, poderíamos especificar os seguintes momentos:

- 1) *Antecipação do plano de ação a ser desenvolvido* (momento no qual se estabelece o que se pensa fazer, manipular, construir, resolver, entre outros) e dos problemas previsíveis. É a fase de preparação do estágio em que se apresenta o plano de estágios e se chega a um consenso com os estudantes (e, se for o caso, com os centros de práticas) sobre os aspectos que requerem acordo mútuo. Isto já é normalmente feito. Como se apontou anteriormente, a atuação dos supervisores de estágios nessa fase e as ordens que transmitirem têm uma importância fundamental na forma em que os estudantes encararão o estágio.
- 2) *Realização das atividades previstas* nos correspondentes contextos de práticas.
- 3) *Construção do significado da ação realizada* por meio de um intercâmbio comunicativo (contar o que se fez, como e por quê). Este é o momento em que os estudantes compartilham sua experiência e apreciações. É um momento de aprendizagem em grupo que permite aprender não só da própria experiência, mas também da experiência dos outros.
- 4) *Generalização da experiência* por meio da identificação dos elementos comuns às experiências dos diversos sujeitos. Desta maneira, a experiência se enriquece e se tenta superar o nível de experiência parcial que cada estudante pôde vivenciar e atribuir a suas práticas. A anedota pode se transformar em categoria se as experiências dos diversos estudantes forem se unindo. Isso permitirá a cada um

deles conceber uma ideia mais global do que outros vivenciaram em seu estágio e relacioná-lo com o que eles tenham, por sua vez, vivido.

- 5) *Reflexão sobre experiências similares* existentes na bibliografia, em bases de dados, na internet, na literatura em geral, entre outros. Este é um salto de grande magnitude. Com frequência, os estudantes tendem a contrapor o que vivenciaram em suas práticas com o que estudaram. O que se procura aqui é não só evitar essa contraposição, essa ruptura entre teoria e prática (na qual sempre a teoria e as aulas cursadas saem perdendo), mas justamente o contrário, que se habituem a buscar a teoria para resolver os problemas que a prática propõe. Ler sobre aspectos surgidos no estágio é muito importante.

Como se pode ver, o estágio constitui um processo de aprendizagem muito completo e do qual os estudantes podem extrair grandes vantagens, incluindo as intelectuais.

2.4. A aprendizagem experiencial de Kolb

Outro autor a considerar na vinculação entre estágio e aprendizagem é Kolb (1984), cujas contribuições à aprendizagem experiencial tem sido fundamentais para poder estabelecer as bases de uma pedagogia centrada na ação direta dos estudantes. Suas ideias se nutrem de três autores clássicos (Lewin, Dewey e Piaget) aos quais poderíamos acrescentar os nomes de Rogers, no que se refere à versão mais humanista da aprendizagem experiencial, e de Freire, em sua versão mais social.

Apêndice F

Escala Irving de avaliação do ensino realizada pelo professor a ser preenchida pelo aluno

Professor: _____

Matéria: _____

Ano/Série: _____

Por favor, indique o GRAU de sua discordância/concordância sobre as seguintes alternativas, utilizando a escala a seguir:

Discordo plenamente	Tendo a discordar	Concordo ligeiramente	Concordo parcialmente	Concordo em termos gerais	Concordo plenamente
1	2	3	4	5	6

O PROFESSOR...

COMPROMISSO COM OS ALUNOS E SUA APRENDIZAGEM

1	está comprometido com a aprendizagem de todos os alunos da turma.	1 2 3 4 5 6
2	adapta a aula se enfrentarmos dificuldades na aprendizagem.	1 2 3 4 5 6
3	permite que desenvolvamos confiança e autoestima nessa matéria.	1 2 3 4 5 6
4	utiliza os resultados da avaliação para fornecer ajuda/extensão aos alunos adequados.	1 2 3 4 5 6
5	cria uma atmosfera positiva na turma, na qual nos sentimos parte de uma equipe de aprendizes.	1 2 3 4 5 6
6	fornece tempo para que reflitamos e falemos sobre os conceitos que aprendemos.	1 2 3 4 5 6

A PEDAGOGIA NA DISCIPLINA

7	nos encoraja a testar ideias e descobrir princípios da disciplina.	1 2 3 4 5 6
8	desenvolve nossa capacidade de pensar e argumentar da disciplina.	1 2 3 4 5 6

254 Apêndice F

9	nos encoraja a tentar diferentes técnicas para resolver os problemas.	1 2 3 4 5 6
10	nos encoraja a conferir um alto valor à matéria.	1 2 3 4 5 6
11	nos informa qual é o propósito de cada aula.	1 2 3 4 5 6
12	conhece e nos informa sobre os problemas que comumente encontramos ao aprender novos assuntos.	1 2 3 4 5 6
13	nos ajuda a construir uma compreensão da linguagem e dos processos da disciplina.	1 2 3 4 5 6

O ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS COM O CURRÍCULO

14	desafia os alunos a pensar por meio da resolução de problemas, seja sozinhos ou juntos, como um grupo.	1 2 3 4 5 6
15	torna a matéria interessante para mim.	1 2 3 4 5 6
16	torna a aprendizagem da matéria satisfatória e estimulante.	1 2 3 4 5 6
17	faz com que a matéria seja debatida na sala de aula.	1 2 3 4 5 6
18	nos mostra maneiras úteis e interessantes de resolver problemas.	1 2 3 4 5 6
19	comparado a todos os outros professores que já tive é o melhor.	1 2 3 4 5 6

O RELACIONAMENTO ENTRE A MATÉRIA E O MUNDO REAL

20	ajuda a turma a compreender como a matéria se relaciona com o mundo real.	1 2 3 4 5 6
21	nos ajuda a fazer as associações entre diferentes tópicos da matéria e outros aspectos de nossas vidas.	1 2 3 4 5 6
22	nos prepara para a vida adulta, nos ajudando a perceber como a matéria será importante para nossas carreiras e para o dia a dia.	1 2 3 4 5 6
23	nos ensina o modo como essa matéria contribui para promover mudanças na sociedade e o modo como a sociedade promoveu mudanças na matéria.	1 2 3 4 5 6
24	nos ajuda a reconhecer que a matéria está evoluindo e crescendo continuamente para explicar o mundo.	1 2 3 4 5 6

Grupos total. no serviço p/ escola.
 * Ver se a escola tem representante de turma, por favor.

* Verifiquei as festas da cidade
 * Ver se tem grêmios

Checklist para “Aprendizagem visível *inside*”

A utilização desse *checklist* pelos profissionais da escola pode ser útil, no início e durante sua jornada, na direção de uma “aprendizagem visível *inside*” para acompanhar seu próprio progresso. O significado de cada parte do *checklist* é desenvolvido em cada um dos capítulos e precisa ser compreendido por meio da leitura das seções adequadas.

Certifique-se de que todos compreendam o significado de cada *checklist* e, em seguida, classifique independentemente cada afirmação, circulando o número que melhor representa seus sentimentos sobre ela, e reveja os resultados na escola.

Discordo plenamente	Discordo em termos gerais	Discordo parcialmente	Concordo parcialmente	Concordo em termos gerais	Concordo plenamente
1	2	3	4	5	6

ENSINO MOTIVADO E ENTUSIASMADO

1. Todos os adultos na escola reconhecem que:
 - a. existem variações entre os professores sobre o seu impacto na aprendizagem e no desempenho dos alunos; 1 2 3 4 5 6
 - b. todos (líderes escolares, professores, pais, alunos) valorizam fortemente apresentar efeitos positivos importantes sobre os alunos; 1 2 3 4 5 6
 - c. todos estão vigilantes sobre a importância de construir conhecimento especializado, a fim de criar efeitos positivos no desempenho dos alunos. 1 2 3 4 5 6
2. A escola apresenta evidências convincentes de que todos os seus professores são motivados e entusiasmados – e esse deve ser o principal atributo de promoção da instituição. 1 2 3 4 5 6
3. A escola apresenta um programa de desenvolvimento profissional que:
 - a. estimula, nos professores, o entendimento mais aprofundado sobre seus alunos; 1 2 3 4 5 6
 - b. apoia a aprendizagem por meio de análises das interações dos professores com os alunos, em sala de aula. 1 2 3 4 5 6

- | | |
|--|-------------|
| c. ajuda os professores a saber como oferecer feedbacks eficazes; | 1 2 3 4 5 6 |
| d. preocupa-se com os atributos afetivos dos alunos; | 1 2 3 4 5 6 |
| e. desenvolve a capacidade dos professores de influenciar a aprendizagem superficial e profunda dos alunos. | 1 2 3 4 5 6 |
| 4. O desenvolvimento profissional da escola também apresenta como meta ajudar os professores a encontrar caminhos para: | |
| a. resolver problemas de ensino; | 1 2 3 4 5 6 |
| b. interpretar eventos em andamento; | 1 2 3 4 5 6 |
| c. serem sensíveis ao contexto; | 1 2 3 4 5 6 |
| d. monitorar a aprendizagem; | 1 2 3 4 5 6 |
| e. testar hipóteses; | 1 2 3 4 5 6 |
| f. demonstrar respeito por todos na escola; | 1 2 3 4 5 6 |
| g. apresentar entusiasmo pelo ensino e aprendizagem; | 1 2 3 4 5 6 |
| h. ajudar os alunos a compreender a complexidade. | 1 2 3 4 5 6 |
| 5. O profissionalismo na escola é alcançado por professores e líderes escolares que trabalham colaborativamente para obter "aprendizagem visível inside". | |
| | 1 2 3 4 5 6 |

PLANEJAMENTO

- | | |
|--|-------------|
| 6. A escola apresenta, e os professores utilizam, métodos defensáveis para: | |
| a. monitorar, registrar e tornar disponível, em tempo hábil, interpretações sobre o desempenho anterior, atual e visado dos alunos; | 1 2 3 4 5 6 |
| b. monitorar regularmente o progresso dos alunos ao longo do ano e entre os anos, utilizando essa informação no planejamento e na avaliação das aulas; | 1 2 3 4 5 6 |
| c. criar alvos relacionados aos efeitos que se esperam que os professores apresentem na aprendizagem de todos os alunos. | 1 2 3 4 5 6 |
| 7. Os professores compreendem as atitudes e as disposições que os alunos trazem para a aula e procuram estimulá-las, de modo que sejam parte positiva da aprendizagem. | |
| | 1 2 3 4 5 6 |
| 8. Os professores, na escola, planejam, em conjunto, séries de aulas com intenções de aprendizagem e critérios de sucesso associadas a especificações curriculares que valham a pena. | |
| | 1 2 3 4 5 6 |
| 9. Existem evidências de que essas aulas planejadas: | |
| a. promovem desafios adequados, que envolvem o compromisso dos alunos em investir na aprendizagem; | 1 2 3 4 5 6 |
| b. capitalizam e constroem a confiança dos alunos para alcançar as intenções de aprendizagem; | 1 2 3 4 5 6 |
| c. baseiam-se em expectativas de resultados apropriadamente elevados para os alunos; | 1 2 3 4 5 6 |
| d. levam os alunos a alcançar objetivos e a desejar reinvestir na sua aprendizagem; | 1 2 3 4 5 6 |

DURANTE A AULA: APRENDIZAGEM

24. Os professores apresentam compreensões valiosas sobre como a aprendizagem envolve a passagem de vários níveis de aptidões, capacidades, catalisadores e competências.	1 2 3 4 5 6
25. Os professores compreendem como a aprendizagem se baseia na necessidade de múltiplas estratégias de aprendizagem, pelos alunos, a fim de atingir compreensões superficiais e profundas.	1 2 3 4 5 6
26. Os professores proporcionam diferenciação, para assegurar que a aprendizagem seja significativa e eficientemente direcionada, de forma que todos os alunos atinjam os objetivos das aulas.	1 2 3 4 5 6
27. Os professores são especialistas em compreensão adaptativa e sabem onde os alunos se encontram em um contínuo, que vai de iniciante a competente e, então, a proficiente, sabem quando os alunos estão ou não aprendendo, o que fazer em seguida e quem pode criar um ambiente de sala de aula para alcançar esses objetivos de aprendizagem.	1 2 3 4 5 6
28. Os professores são capazes de ensinar múltiplas maneiras de conhecer, múltiplas maneiras de interagir e múltiplas oportunidades para a prática.	1 2 3 4 5 6
29. Os professores e os alunos apresentam múltiplas estratégias de aprendizagem.	1 2 3 4 5 6
30. Os professores utilizam princípios do "planejamento invertido" – partindo dos resultados (critérios de sucesso) para as atividades de aprendizagem e, em seguida, para as atividades e os recursos necessários para alcançar os critérios de sucesso.	1 2 3 4 5 6
31. Todos os alunos aprendem a praticar deliberadamente e a se concentrar.	1 2 3 4 5 6
32. Os processos são implantados para que os professores observem a aprendizagem a partir dos olhos dos alunos.	1 2 3 4 5 6

DURANTE A AULA: FEEDBACK

33. Os professores estão conscientes e procuram oferecer respostas sobre três questões importantes de feedback: "para onde estou indo", "como estou indo, nessa direção?" e "para onde irei em seguida".	1 2 3 4 5 6
34. Os professores estão conscientes e procuram oferecer respostas aos três importantes níveis de feedback: tarefas, processos e autorregulação.	1 2 3 4 5 6
35. Os professores estão conscientes da importância do elogio, mas não confundem elogios com informações de feedback.	1 2 3 4 5 6
36. Os professores oferecem feedback adequado ao ponto em que se encontra a aprendizagem dos alunos e buscam por evidências de que esse feedback é recebido adequadamente.	1 2 3 4 5 6
37. Os professores utilizam múltiplos métodos de avaliação para oferecer interpretações formativas rápidas aos alunos e para fazer ajustes, no seu ensino, que maximizam a aprendizagem.	1 2 3 4 5 6

38. Professores:

- | | |
|--|-------------|
| a. estão mais preocupados com o modo como os alunos recebem e interpretam o feedback; | 1 2 3 4 5 6 |
| b. sabem que os alunos preferem apresentar mais progresso do que receber feedback corretivo; | 1 2 3 4 5 6 |
| c. sabem que, quando os alunos têm metas mais desafiadoras, apresentam uma maior receptividade ao feedback; | 1 2 3 4 5 6 |
| d. deliberadamente ensinam os alunos a solicitar, compreender e utilizar o feedback fornecido; e | 1 2 3 4 5 6 |
| e. reconhecem o valor do feedback dos colegas e ensinam deliberadamente os alunos a fornecerem aos seus colegas feedback adequado. | 1 2 3 4 5 6 |

O FINAL DA AULA

- | | |
|--|-------------|
| 39. Os professores fornecem evidências de que todos os alunos se sentem convidados a aprender efetivamente em suas salas. Esse convite envolve sentimentos de respeito, confiança, otimismo e intenção de aprendizagem. | 1 2 3 4 5 6 |
| 40. Os professores coletam evidências da experiência dos alunos, em suas salas de aula, sobre o seu sucesso como agentes de mudança, sobre os seus níveis de inspiração e sobre o compartilhamento de seu entusiasmo pelos alunos. | 1 2 3 4 5 6 |
| 41. Juntos, os professores criticam os objetivos de aprendizagem e os critérios de sucesso, apresentando evidências de que: | |
| a. os alunos podem articular os objetivos de aprendizagem e os critérios de sucesso de uma maneira que revele a sua compreensão; | 1 2 3 4 5 6 |
| b. os alunos alcançaram os critérios de sucesso; | 1 2 3 4 5 6 |
| c. os alunos encararam os critérios de sucesso como adequadamente desafiadores; | 1 2 3 4 5 6 |
| d. utilizam essa informação ao planejar seu próximo conjunto de aulas/aprendizagem. | 1 2 3 4 5 6 |
| 42. Os professores criam oportunidades para interpretações formativas e somativas da aprendizagem dos alunos e utilizam essas interpretações para informar decisões futuras sobre sua aprendizagem. | 1 2 3 4 5 6 |

CONCEPÇÕES

- | | |
|---|-------------|
| 43. Na escola, os professores e os líderes escolares: | |
| a. acreditam que seu papel fundamental é o de avaliar o efeito do seu ensino na aprendizagem e no desempenho dos alunos; | 1 2 3 4 5 6 |
| b. acreditam que o sucesso e o fracasso na aprendizagem dos alunos são o resultado do que eles, como professores ou líderes, realizaram ou não... Somos agentes de mudança! | 1 2 3 4 5 6 |

190 Apêndice A

c. desejam falar mais sobre a aprendizagem do que sobre o ensino;	1	2	3	4	5	6
d. encaram a avaliação como <i>feedback</i> de seu impacto;	1	2	3	4	5	6
e. envolvem-se em diálogos, não em monólogos;	1	2	3	4	5	6
f. apreciam desafios e nunca se contentam em "fazer o seu melhor";	1	2	3	4	5	6
g. acreditam ser seu papel desenvolver relações positivas nas salas de aula/sala dos professores;	1	2	3	4	5	6
h. comunicam a todos sobre a linguagem da aprendizagem.	1	2	3	4	5	6

RESIDÊNCIA DOCENTE EM ENSINO DE CIÊNCIAS

INSTRUMENTO AVALIATIVO DO PROFESSOR

QUAIS FORMAÇÕES VOCÊ DESEJARIA PARA 2018?

Professor 1: Formação provas do SAEP e SAEB visando os descritores mais difíceis; produção de gêneros textuais; formação na área de matemática sobre frações, números decimais, sistema de medidas, geometria, construção de gráfico de tabelas, entre outros; interpretação de texto focando a questão implícita.

Professor 2: Formações mais sólidas quanto à compreensão da função social da escola e as alternativas e abordagem para que o aprendizado dos alunos efetivamente aconteça.

Professor 3: Formação na nossa área pedagógica de ensino (jogos, brincadeiras, educação física, etc).

Professor 4: Formação em português e matemática (com ludicidade).

Professor 5: Formações cuidando de si.

Professor 6: X

QUAIS FORMAÇÕES VOCÊ DESEJARIA NA ÁREA PEDAGÓGICA?

Professor 1: Ludicidade e indisciplina na sala de aula.

Professor 2: Formação sobre as práticas educativas e os resultados escolares visando melhorias, condutas pedagógicas articuladas a prática.

Professor 3: Formações de prática na nossa área específica de acordo com a sua turma de ensino.

Professor 4: Ludicidade.

Professor 5: X

Professor 6: Língua Portuguesa, ciências e matemática.

QUAIS FORMAÇÕES VOCÊ DESEJARIA NA SUA ÁREA ESPECÍFICA?

Professor 1: Dificuldade na aprendizagem: sobre alunos portadores de necessidades especiais, como por exemplo, autismo, auditivo dentre outros.

Professor 2: Formação unificada, formação integrada, formação alterada e formação em serviço.

Professor 3: Formações de jogos educativos de modo que eles aprendam brincando. Tanto na área de matemática, como de português.

Professor 4: Como trabalhar em leitura e produção com alunos com dificuldade de aprendizagem.

Professor 5: X

Professor 6: X

QUAIS OFICINAS VOCÊ SUGERE PARA OS ALUNOS?

Professor 1: Interpretação de problemas, interpretação de texto, produção de texto, ortografia com as sílabas complexas, interpretação e produção de gráficos, e tabelas, geometria e sistema de numeração decimal e sistema de medidas.

Professor 2: Expressão artística, onde os alunos podem retratar em poesia a pintura, a beleza do nosso Brasil, por exemplo, pesquisas sobre os desperdícios, ensinando os alunos a preservarem os recursos naturais, formação cidadã contra o *bullying* a fim de superar a violência e promover a solidariedade e amizade.

Professor 3: Jogos.

Professor 4: Jogos em português e matemática.

Professor 5: Com jogos matemáticos utilizando as quatro operações. Oficina de arte. Contagem de história e produção de texto.

Professor 6: X

QUAIS OS DESAFIOS QUE VOCÊ ENCONTROU NA ESCOLA PARA FORMAR SEUS ALUNOS AO INICIAR O ANO LETIVO?

Professor 1: Ter encontrado no 5º ano, alunos que ainda não sabem ler, nem escrever.

Professor 2: No início do ano letivo pode ser um pouco difícil por conta não só das incertezas do futuro em sala de aula, mas por conta de experiências prévias negativas vividas por cada criança devido às novas adaptações. Mas tendo autonomia nos planos de aula, com temáticas interessante e abrangendo espaços para dúvidas, são um dos principais processos para integrar os alunos a manter uma boa relação entre a escola, aluno e professor.

Professor 3: A quantidade de alunos, os pais na escola.

Professor 4: Alunos que não reconhecem nenhum número ou letras. Falta de atenção dos alunos.

Professor 5: Cada ano que se inicia é encontrado novo desafio, cada turma é diferente.

Professor 6: São muitas, indisciplina, compromisso da família, alunos sem material e outros.

O QUE VOCÊ ESTABELECEU COMO META PESSOAL PARA ATINGIR COM OS SEUS ALUNOS EM 2018?

Professor 1: Que a maioria sejam aprovados com o conhecimento adquiridos.

Professor 2: Criar um ambiente alfabetizado, organizar-se efetivamente, personalização do aprendizado.

Professor 3: O apoio da escola

Professor 4: Que todos consigam ler e escrever, entendendo o que escreve. Que realize as quatro operações.

Professor 5: Com o objetivo de atender a necessidade da turma de acordo com sua realidade. Ter uma aprendizagem produtiva, criativa e coletiva.

Professor 6: Alfabetizar pelo menos 3 alunos que de 7 não tinham alfabetizado no 3º ano e de comportamento indisciplinar.

QUAIS AÇÕES PRETENDO IMPLEMENTAR COM OS ALUNOS EM 2018?

Professor 1: Trabalhar a ortográfica e a leitura, visando ajudar os alunos com dificuldades nesta área.

Professor 2: Engajar os estudantes, uma das tarefas mais difíceis que os professores enfrentam, é preciso ser criativo e aproximar o conteúdo ao cotidiano dos alunos, assim eles saberão por que é importante prestar atenção nas aulas.

Professor 3: X

Professor 4: Atividades escritas de leitura e interpretação.

Professor 5: X

Professor 6: X

O QUE VOCÊ MUDARIA NA SUA ESCOLA?

Professor 1: Melhoraria o espaço físico, construindo uma biblioteca, sala de professores e uma área maior e coberta para prática de Educação Física, entre outros.

Professor 2: Incluiria

Professor 3: Mudaria a estrutura em si (que tivesse mais salas, entre outros)

Professor 4: Espaço físico.

Professor 5: Mudaria um espaço mais apropriado para ter uma recreação, apresentação de uma data comemorativa, uma atividade lúdica, comemoração para o dia das mães, dia do estudante, etc.

Professor 6: X

OFICINA JULHO

CONHECENDO A SI MESMO

Palavras-chave: ensino fundamental; felicidade; respeito; autoconhecimento.

Público-alvo: 2º ano, 3º ano e 5º ano.

RESUMO

O autoconhecimento é um dos veículos que permite a compreensão do seu papel na vida social, além de contribuir para o despertar de si próprio. Tal mecanismo é pouco executado no cotidiano social, como por exemplo, nas escolas, sabemos de as dificuldades dos docentes em transpassar temáticas que envolvam questões interpessoais, visto que se requer uma certa transposição didática devido o cenário que o vai se inserir. Dessa forma, é crucial uma reflexão das instituições como papel de instrumentalizador em relação às competências interpessoais dos discentes, em virtude de o autoconhecimento ser a chave primordial na sua formação profissional. Conforme ressaltar Goody e Tavares (2016) em que o autoconhecimento conduz a criança ao êxito escolar, outrossim auxilia na formação plena como indivíduo social. Dessa maneira, a aprendizagem e o autoconhecimento deveriam andar em ligação, uma vez que, auxilia o docente a compreender a atuação dos pais como agentes de construção do conhecimento na vida escolar de seus filhos, bem como o estado emocional que os vivem passando, podendo, posteriormente, fazer inferências no contexto pedagógico, como desenvolvendo atividades com eixos direcionados às problemáticas averiguadas em aula. Diante este panorama, a proposta da oficina é permitir o autoconhecimento mediante a vivências de atividades realizadas no âmbito escolar, permitindo ampliar a estrutura cognitiva do discente para seu autoconhecimento e aceitação de si próprio.

1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

2. Compreender o seu papel como agente transformador no espaço social.
3. Promover e vivenciar um espaço de ideias e reflexões para construção pessoal.
4. Trabalhar atitudes de respeito sob uma visão de indiferenças sociais para o convívio numa sociedade pluralista.
5. Conhecer o corpo humano e as suas estruturas.

2. METODOLOGIA

2.1 Primeiro momento – O cérebro: um sistema que coordenar os processos sociais

A proposta dessa atividade é perceber como corpo humano funciona, sendo, nesse sentido, um sistema de órgãos e anexos regido pelo cérebro, a finalidade é demonstrar em que o cérebro é uma estrutura que além de reger todo nosso corpo é responsável pelos nossos sentimentos e informações adquiridas durante longas gerações, bem como qualquer implicação nessa estrutura seja acidentalmente ou psicologicamente, pode afetar a pessoa durante muitas vidas, como por exemplo, casos de *bullying* que na grande maioria são deixadas marcas e sentimentos triste nos corações das pessoas que sofrem.

Para isso, inicialmente, a sala será dividida em dois ou três grandes grupos, e o docente solicitará para os alunos cortona-se um “amiguinho” no papel *kraft* (disponibilizado pelo mediador) com o auxílio de um piloto. Posteriormente, algumas imagens de órgãos do corpo humano estará dispostas na sala e os alunos irão colocar algumas estruturas pertencentes ao corpo humano nos locais que eles acham que são localizados. Em seguida, o docente irá corrigir, onde estivesse errado, e, posteriormente irá elucidar de forma sucinta as funções dos órgãos, visando no fim dizer que todos os processos são regidos

pelo cérebro e que ele é quem comanda maior parte dos nossos sentimentos e emoções, que precisamos cuidar bem dele, entre outros. Em seguida, será solicitado que os alunos desenhem as figuras dos órgãos no papel *kraft* e depois pintar os mesmo com lápis de cera, para que seja exposto na sala.

2.2 Segundo Momento – Um olhar além do espelho

Inicialmente, será realizado uma dinâmica para permitir a socialização e um espaço prazeroso para o diálogo entre docente-discente no campo em aprendizagem. Dessa forma, trago a dinâmica do espelho, comumente encontrada nas literaturas, tal dinâmica permite trabalhar o autoconhecimento, bem como ajuda perceber problemáticas intrínsecas na vida social de alguns alunos.

Para isso, com o auxílio de uma caixa cujo dentro irá apresentar um espelho o docente irá elucidar que dentro da mesma tem fotos (seja artistas, animais, plantas, entre outros), criando uma curiosidade nos discentes. Sendo assim, a caixa deverá ser passada de aluno para aluno ou outra alternativa (a ideal) chamar cada um à frente da sala para que abram a caixa e digam o que acham da pessoa da imagem que estão vendo.

Nesse sentido, a pessoa que eles estariam vendo eram eles mesmo, durante o processo, eles terão que falar (não sendo obrigado) se tiravam o “chapéu para essa pessoa da foto (espelho)”, se essa pessoa é legal, ou seja, a partir dessa dinâmica você poderá (como residente-docente) extrair inúmeras perguntas. Durante o processo o aluno que viu não deve dizer ao amigo o que tem dentro da caixa, para assim criar um ambiente mais curioso. Após realizado o processo, o professor deverá fazer uma explanação do tema, e, mediante a diagnose da didática o docente pode fazer *link* com as experiências e os sentimentos que os discentes irão relatar em sala de aula durante a dinâmica.

2.3 Terceiro Momento – O desenho como potencializador no ensino-aprendizagem

Em uma folha A4 seria impressa cinco situações, como por exemplo, pais brincando com os filhos em um parque, crianças no cinema, entre outros. Abaixo de cada imagem será adicionada um rosto sem nenhuma expressão, nesse sentido, os discentes devem desenhar uma expressão que eles acham que sente quando estão nesse local. O intuito da atividade é provocar emoções internas na criança, fazendo a mesma refletir e pensar sobre como se sente nesse ambiente. O docente durante o término do processo iria abrir um espaço de discussão perguntando se alguém se sente à vontade a falar sobre as expressões que colocaram a cada situação, nisso o professor mediará e irá tentar compreender o papel do discente não só apenas nas escolas, mas também nos espaços informais (comunidade, família, etc).

RECURSOS PEDAGÓGICOS

8 Papel Craft (tamanho no mínimo 1m)
8 pilotos
3 papel madeira (aquele simples que é bem mole)
6 caixas de lápis de cera
1 cola de isopor
1 fita grossa

NÚMERO DE RESIDENTES

CARGA HORÁRIA

4 horas

MINISTRANTES

Paulo Vitor Galdino da Silva – Graduando do curso Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente, é bolsista do programa de extensão em ensino pedagógico - Residência Docente em Ensino de Ciências na cidade de Feira Nova-PE. Foi bolsista do PIBITI-UFPE/CNPq desenvolvendo um projeto na área de transformação genética vegetal, além de estar vinculado Laboratório de Genética e Biotecnologia Vegetal da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Thais Kelly Ferreira da Silva – Licencianda em Ciências Biológicas - Licenciatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Trabalhou como bolsista no Laboratório de Biofísica Química, realizando análises bioquímicas com plantas medicinais de fácil acesso em Pernambuco. Foi bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) durante um ano. Atualmente trabalha com Biologia Molecular no Laboratório de Genética e Biotecnologia Vegetal (LGBV).

Lucas Matos de Lima – Licenciando de Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi bolsista no laboratório de Biofísica Química na área de fitoquímica com ênfase em prospecção de metabólitos secundários e também no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Atualmente é estagiário no Laboratório de Genética e Biotecnologia Vegetal (LGBV), trabalhando com peptídeos antimicrobianos.

Samarina Fernandes de Oliveira – Licencianda em Ciências Biológicas pela Universidade federal de Pernambuco, estagiou e participou da monitoria do Departamento de Zoologia na área de invertebrados. Participou do projeto de extensão programa Adote um vira-lata atuando na área de educação e saúde pública. Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid).

RESPONSÁVEL PELA TURMA

Docentes/Residentes	Turmas/Anos
Paulo Vitor Galdino da Silva	Ensino Infantil Pré-II
Thais Kelly Ferreira da Silva	2º
Lucas Matos de Lima	3º
Samarina Fernandes de Oliveira	5º

REFERÊNCIA

GODOY, H. P.; TAVARES, R. R. Autoconhecimento e aprendizagem: uma educação de qualidade. **Unifal em Pesquisa**, v.6, n.2, p. 188-203, 2016.

Observações Gerais
Os procedimentos aqui descritos são válidos para modulações de acordo com a respectivas turmas lecionada.

FÓRUM DOS GESTORES I ENCONTRO - 17 MAIO

O fórum dos gestores foi fundamental para os informar acerca das nossas capacitações para atuar na imersão nas escolas mediante a uma diagnose por observação e, posteriormente, fazer a atuação no seio escolar bem como demonstrar os resultados dessas diagnoses e traçar as metas para as formações docentes e oficinas para os estudantes que serão realizadas em Julho 2018.

Neste fórum tivemos a participação de dez gestores das escolas municipais, os doze residentes que vão atuar em cada uma dessas escolas as coreografando, a presença do secretário da educação, o coordenador do projeto e os alunos do programa de pós-graduação em Ensino de Ciências da Universidade Federal Rural de Pernambuco juntamente Zélia Jófilli responsável pelos estudantes do programa.

O objetivo dessa reunião foi transpassar a observação dessas dez escolas feita por cada residente e tentar conectar e manter mais próximo o gestor com a realidade escolar. A abertura do fórum precedeu-se pela fala do Secretário de Educação Claudison Vieira onde ressaltou a importância de conduzir as formações para o âmbito escolar e a extrema

importância de manter essa comunicação com a Universidade, pois, grande parte das pesquisas ficam muito restringidas a academia.

Em seguida, tivemos a fala da professora do programa de pós-graduação Zélia Jófilli onde demonstrou interesse em estar conhecendo o programa de Residência Pedagógica em Ensino de Ciências elucidando dessa forma a importância e o potencial que essa residência pode acarretar no aprendizado dos discentes.

O fórum iniciou com a socialização de cada residente demonstrando os indicadores na literatura que foram guiados para estar realizando as diagnoses no âmbito escolar e, subsequente, cada residente expressou suas observações negativas e positivas realizadas nos dias de imersão bem como o calendário de formações que vão ser realizadas. Tal socialização permitiu o diálogo e a modificação na planificação inicial caso fosse necessário. Por fim, fomos muito bem parabenizados pelos gestores e alunos do programa de pós-graduação pela estruturação e análise contextual dos parâmetros escolares.

II ENCONTRO - 22 JULHO

O fórum dos gestores dessa vez ocorreu no II Encontro de Vivências em Ensino de Ciências sob organização geral de Marcos Barros nos dias 20 e 21 de Julho de 2018 na Coordenadoria de Ensino de Ciências do Nordeste (CECINE). Em conjuntura, contamos com a presença dos alunos de mestrado da Universidade Federal Rural de Pernambuco bem como os residentes (nós) em Ensino de Ciências. O evento teve como organização os alunos das disciplinas supervisionada de estágio em ensino a biologia 1 e 4.

Durante os dois dias eventos ocorrem inúmeras palestras, apresentações (seja banner, oral, infográfico e exposição de material didático) e oficinas que permitiu enriquecer o conhecimento do participante do evento. No primeiro dia contamos com a presença para abertura do evento o professor Marcos Barros juntamente com o convidado Bruno Severo e, posteriormente, tivemos a realização das oficinas seguido à tarde por apresentação dos resumos enviados a comissão científica e aprovados – o que promoveu a socialização de suas experiências docentes na prática escolar.

No segundo dia, ocorreu o fórum de gestores de Feira Nova onde tivemos a presença dos dez gestores das dez escolas municipais da região juntamente com Claudison o Secretário de Educação. Convém ressaltar, que os residentes em conjunto com os gestores participaram de uma mesa redonda onde Claudison e Marcos demonstraram as conquistas do projeto até o momento, relatando um pouco sobre essa

conexão da universidade com as escolas de Feira Nova e que com esse projeto pretende-se alcançar níveis de mudança no aprendizado da região. Em seguida, foi visto uma apresentação de Júlio Gama onde trouxe diversas perspectivas de ensino utilizando o SAF (Sistema Agroflorestal-UFPE).

No término da mesa redonda, tivemos um momento cultural com a apresentação do maracatu Ògun Onilê dos alunos da Escola Municipal Divino Espírito Santo – Recife, sendo um momento para mostrar a cultura Pernambuco que pouco presencia na cidade de Feira Nova. Subsequentemente, tivemos as apresentações orais de cada residente referente as imersões realizadas no mês de março e maio, com intuito de demonstrar as potencialidades e fragilidades da instituição, os gestores se sentiram prestigiados por verem a divulgação da sua escola sendo desenvolvida no meio acadêmico.

Nesse evento apresentei um artigo intitulado “Residência Pedagógica: A atuação dos pais no seio escolar” – o artigo em questão foi uma análise da semana de imersão que realizei na escola Severino David em Feira Nova. Posteriormente, foi feita uma reunião com os gestores para saber se confirmam as oficinas que irão ser ministrada nas referentes escolas.

Em seguida, fomos conhecer o Sistema Agroflorestal que se localiza no Centro de Biociências (CB) na UFPE. Neste momento, acompanhados com o residente Luiz Romário onde elucidou a importância de estar executando aulas em ambientes não formais, uma vez que é um método que potencializa no aprendizado por ser um laboratorial experimental ao ar livre. Os gestores podem conhecer o espaço e desfrutar de diversas espécies de planta que grande maioria parte de seu cotidiano. Por fim, fomos para o CECINE para prestigiar a inauguração da Revista em Ensino de Ciências.

VIVÊNCIAS FORMATIVAS

1º DIA - 18.07.2018

Oficina: A importância de projetos de horta escolar para alunos

Descrita por: Genesis

Turno: Manhã

Turma: 1º ano

Nos três dias de imersão sob a execução dos planos de ensino elaborados e modulados pelos residentes, foi primordial para conhecermos nossas habilidades docentes frente a realidade escolar, além de nos demonstrar um panorama abrangente das fragilidades e as fragmentações no sistema educacional que culminam na grande parte em baixos índices de aprendizado.

No primeiro dia de imersão, me deparei com duas escolas cujo apresentavam realidades e comportamentos dos discentes totalmente distintos. Sendo assim, no turno da manhã, percebeu-se que nos primeiros momentos os alunos já se demonstravam extremamente inquietos, porém, eu acreditava que com todo meu conhecimento teórico-prático desenvolvido durante a academia ia ser essencial para conseguir driblar todos esses desafios e conquistar assim atenção dos alunos.

Durante os primeiros minutos de aula os alunos se batiam, não era apenas um, e sim, vários, enquanto isso outros se escondiam atrás de bancas, outros chorando, atrelado a toda essa conjuntura tinha as conversas paralelas que mesmo eu pedindo silêncio não

adiantava muito. Consegui ministrar uma pequena parte do conteúdo e “tentar” manter a pacificidade da turma, que era extremamente complicado, chegava momentos que eu parava o conteúdo para dá lição de moral e mostrar como é a realidade fora do ambiente escolar, bem como demonstrar que como são novos podem mudar essa realidade social. Teve um momento que eu queria entregar a turma porque eu não estava aguentando tamanha gritaria, brigas, entre outros.

Descolei do quadro branco e comecei a utilizar elementos presentes no entorno da sala, como a temática era sobre horta avistei uma enorme árvore exposta na parede da sala e comecei a elucidar a partir da imagem ali presente, o que tornou a aula mais curiosa, além disso utilizei uns cartazes exposto na parede da sala sobre ambientes naturais e ambientais artificiais tentando quebrar as limitações em quadro branco e transformando a aula mais curiosa diante aos elementos da arte.

Para a formação da horta a nossa turma ficou responsável no plantio de uma espécie de planta, percebeu-se que no decorrer da plantação os alunos se sentiram entusiasmado e curiosos para compreenderem o processo de plantação e adubação da terra, uma vez que, são práticas comumente realizadas na região pelos familiares.

No geral, observei que os alunos no decorrer das aulas não tinham respeito com próximo, bem como as práticas de higiene eram baixíssimas (jogando lixo, lápis, entre outros materiais no chão). No término de todo o processo, me encontrei exausto, parecia que lecionei as aulas o dia todo devido ao extremo desgastes para manter a turma focalizada na temática que estava sendo transmitida, porém, a turma em questão me fez ter uma visão acerca de como lecionar para turmas cujo a hiperatividade domina na sala de aula, me conduzindo nas próximas vezes aulas com eixos dinâmicos e com mais ilustrações. Não vou negar no final do turno eu cheguei a refletir se era isso mesmo que eu queria pra minha vida, mas foi aí que no turno da tarde me surpreendeu.



Oficina: Saúde e Higiene

Descrita por: Moneta

Turno: Tarde

Turma: 5º ano

A oficina foi ministrada por mim e Thais Kelly, inicialmente fomos bem recebidos pela à turma conseguimos ministrar a oficina de forma tranquila, em duas horas conseguimos ministrar grande parte do conteúdo e realizar a aplicação do jogo didático, como o tempo o jogo foi se tornando monótono e os alunos começaram a ficar dispersos e até relatar que o jogo estava ficando chato.

Com todas as atividades do plano de aula realizado, foi essencial nossa criatividade para está implementando algumas atividades, foi então que avistei uns fantoches na diretoria (antes de começarmos a aula) e decidi que realizam-se um teatro de fantoches em grupos sendo cada grupo responsável por uma temática (higienização das mãos, higienização dos dentes e higienização no banho). Os alunos ficaram entusiasmados e o resultado foi satisfatório, foi surpreendente que alguns alunos que não são chegados a esse tipo de atividade ficaram bem empolgados. Achei que essa atividade contemplou o que chamamos de atividade em grupo, pois, observei todos conectados e engajados na estruturação do teatro.

Posteriormente, com o auxílio de tintas e pincéis os alunos desenharam em uma folha A4 o que aprendeu na aula para que deixássemos exposto na sala. No decorrer da elucidação do tema, percebemos a prática do *bullying* sob um aluno devido sua arcaria dentária ser pouco danificada, a princípio ficamos na saia justa e tirar de tempo as piadinhas, porém, utilizamos o momento e começamos a fazer uma interface com a temática do *bullying* e fazendo uma ampliação na estrutura cognitiva acerca da temática supracitada.

No geral, a oficina nessa escola foi bem tranquila e conseguimos prender a atenção dos alunos, para a obtenção dos resultados tivemos diversos materiais produzidos, bem como os momentos de indagações e elogios dos discentes.



2º DIA - 19.07.2018

Oficina: África na escola: desconstruindo estereótipos para uma relação de respeito

Descrita por: Fernanda e Odon

Turno: Manhã

Turma: 7º ano

Em princípio, eu acreditava que não conseguiria transpassar o conteúdo em sala devido a temática abordada ter um cunho conceitual delicado para ser desenvolvido no ambiente escolar. Convém ressaltar, que os objetivos específicos da oficina traziam abordagens bem marcantes que tinham a ser conduzidas de maneira compreensível e construtiva.

Além disso, a formação para os residentes a respeito dessa oficina foi crucial para compreendermos um pouco sobre o papel dos negros na sociedade, bem como os processos de intolerância religiosa presentes na sociedade, sendo uma formação favorável

para a nossa atuação nas salas de aula sem nenhum impasse, dado que trabalhar com temáticas de natureza polêmica pode causar diferentes pensamentos significativos que podem contrapor ao do docente de maneira contraditória e se o mesmo não souber driblar pode gerar pensamentos negativos. Acredito que para a próxima formação tenha mais prática para que possamos vivenciar a determinada temática e uma aula teórica mais aprofundada.

Diante este panorama, mesmo com a preparação que tivemos me senti inseguro para está aplicando a oficina, porém, a mesma me surpreendeu em diversas formas, chegando até provocar em mim emoções internas devido os relatos dos discentes de preconceitos sofridos na sociedade. Do início ao fim os alunos se mostravam assíduos nas atividades, porém inicialmente elucidando sobre o tema os alunos ficaram receosos, pois, poucos falavam sobre a temática, quando eu comecei a falar sobre minhas vivências de preconceito devido a minha “cor” relatos no decorrer da minha fala foram aparecendo, como um menino havia comentado: *“teve um dia à noite que eu passei com dois amigos meus negros e as mulheres pensaram que a gente ia assaltar elas”*.

As análises dos anúncios (que faziam parte do plano de ensino) foram interessantes, pois, conseguimos ver o quanto o racismo na sociedade é presente de forma camuflada, nessa atividade em uma breve filmagem a aluna relata: *“que cor não é personalidade nem carácter”* entre inúmeros discursos deixados pelos alunos em sala de aula. Além disso, no decorrer da aula foi realizado o *link* com a intolerância religiosa, temática bastante sensível, chegou até uma breve discussão entre duas alunas defendendo as suas religiões, eu pedi para parar e no término acabei dizendo que ambas não estão tendo o que a gente trabalhou durante o decorrer da aula que é o “respeito”, sendo assim, ambas se conscientizaram. Porém, no momento fiquei até meio assustado para impor uma argumentação que vinhessem conscientizar as duas.

Por fim, antes do intervalo, foi executado a montagem da árvore onde cada aluno colocou alguma frase de respeito referente a intolerância religiosa, como no planejamento inicial a montagem da árvore deveria ser realizada no final, optei fazer antes do intervalo, pois, alguns residentes fizeram uma apresentação utilizando instrumentos fazendo menção a cultura afrodescendente.

No intervalo, uma aluna veio relatar sobre um amigo da sua sala que sofreu preconceito e que na época ninguém fazia nada, entre outras coisas pessoais que a mesma comentou, dessa forma pude a conduzir uma reflexão e ampliação acerca de diversos incógnitas que estava em sua mente. A partir dessa conversa percebi o quanto heterogênea é a sala de aula e que dentro dela existe um “mundo” onde cada aluno é responsável por algum tipo de informação seja de opressão, atuação como psicólogo, aqueles que tentam defender os outros amigos, os que causam a pacificidade da turma, entre outros.

Posteriormente ao intervalo, foi realizado a aplicação do jogo que ocorreu de forma satisfatória, onde fizemos a recapitulação do conteúdo, sendo importante para os alunos compreende-se alguns termos que são comumente vistos nas mídias, visto que quando foi realizado ninguém sabia o que era estereótipo.

Contudo, trabalhar com essa temática foi bastante relevante acredito que consegui transpassar o que o objetivo da oficina solicitava que era questão do respeito ao próximo, tivermos muito material utilizado e o plano de aula foi executado com êxito.



Oficina: Conhecendo a si mesmo

Descrita por: Paulo Vitor (Eu)

Turno: Tarde

Turma: Pré II

No turno da tarde a minha oficina cujo a temática era intitulada “Conhecendo a si mesmo” tendo como enfoque o aprendizado estrutural do corpo humano, bem como o processo de autoconhecimento. A turma que lecionei foi o pre-II, tal turma foi um grande desafio em virtude de não sermos capacitados durante a graduação de Licenciatura em Biológicas a ministrar aulas para crianças que estão no processo de alfabetização. Não vou negar, semanas antes de ministrar estava muito apreensivo, com tudo! Desde como aplicar o plano de aula para os alunos até a forma de comunicação.

Por serem crianças hiperativas foi bem complicado elucidar os assuntos, porém, “tentamos” driblar essa lacuna. Porém, uma das grandes problemáticas do meu plano de aula foi o baixo número de atividades práticas que contemplassem essas séries iniciais, o que acarretou no desenvolvimento de atividades em mente, como trabalhar a questão visual mediante aos vídeos, e posteriormente, a discussão com o mesmo, o que tornou a aula mais dinâmica.

Como estávamos no pátio da escola devido a formação dos professores tivemos alguns empasses, como o sol nos alunos que na grande maioria ficávamos trocando os alunos de lugar diversas vezes, bem como devido serem crianças são bastante elétricas o que às vezes os alunos ficavam dispersos, outra situação que fazia parar a aula era que ficamos próximo ao banheiro quando um aluno defecava o odor subia e não tinha quem ficava-se próximo.

Percebeu-se que o “autoconhecimento” é uma temática que exprime um teor de vivência muito elevado e que tal processo é difícil de se trabalhar com crianças para tentar

os conduzir a uma aprendizagem significativa. Diante todo o panorama, conseguimos ministrar a oficina, mesmo tendo diversas problemáticas, e a mesma foi de extrema relevância, uma vez que, eu não tinha nenhuma prática para lecionar a crianças, sendo assim das próximas vezes saberei como atuar e como estruturar um plano de aula flexível e mais dinâmico. No entanto, particularmente acredito que deveríamos ter uma formação para lecionar a crianças, porque mesmo tendo uma noção eu não me sinto apto a está lecionando aos anos iniciais.

No geral, em conversas com os residentes que atuaram nas outras turmas percebi também a fragilidade no plano de ensino que deveria obter com mais atividades para que dessa forma possa contemplar as quatro horas aula.



3º DIA – 20.07.2018

Oficina: Experimentação através dos sentidos

Descrita por: Thais Kelly

Turno: Manhã

Turma: 3º ano

Foi uma das melhores oficinas que ministrei durante esses três dias de imersão, pois, a mesma exprime diversas dinâmicas com cunho reflexivo e de diálogo direto com o estudante, fazendo os refletir sobre os conceitos visto na sala de aula.

Uma das partes mais interessantes do plano de ensino foi a experimentação das frutas, em que foi o momento ideal para resgatamos o conceitos visto nas aula teórica, nessa atividade consegui fazer uma metanálise da aula teórica e percebi que o resultado foi satisfatório, pois, quando eu chamava algum aluno na frente para falar a textura que estava sentindo e o que promove essa sensação de sabor, percebi que a aula não foi passada em branco.

Além disso, foi possível trazer a interdisciplinaridade durante a aula, no momento em que trabalhos a audição trouxemos os instrumentos (como o AB) para sala, eles ficaram bastante curiosos e querendo tocar, falei um pouco sobre a cultura de Olinda e que os instrumentos são comumente utilizadas em festividades, entre outros. Muitos até relacionaram com a questão da capoeira.

Diante disso, a oficina foi excelente, eu particularmente amei, fomos bem recebidos desde a entrada da escola pela equipe gestora até a sala de aula pelos alunos. A turma em si era bem empolgada e estavam sempre querendo aprender mais. Apenas tinha dois alunos bem disperso (acredito que apresentam algum problema), coloquei os mesmo pra frente da turma e sempre os perguntava tentando trazer o máximo para a sala de aula, e observei que estavam sempre em diálogo e querendo participar das atividades.

Diante do exposto, quando se há interligação da vida dos alunos com a temática que é abordada em sala de aula conseguimos prender a atenção fácil, por isso é interessante o docente procurar curiosidades do cotidiano e atividades que explorem a imaginação, como por exemplo, me lembrei de uma atividade em que colocamos um + e um - no papel e fazia sumir um dos elementos a sala ficou bem empolgada e vi que a partir disso poderíamos trabalhar a visão. No geral, essa oficina penso em trabalhar na escola que estou como residente, porém, com algumas modificações e mais curiosidades.



Oficina: Arte e educação ambiental: a utilização da argila no processo de aprendizado

Descrita por: Lucas Matos

Turno: Manhã

Turma: 4º ano

A turma era bem tranquila, o que me surpreendi foi que na turma existiam duas meninas com problemas mentais em que inicialmente fiquei meio na “saia justa” de como inserir as mesmas nas aulas.

Uma das coisas bem evidentes que eu percebi na turma foi que as meninas supracitadas são motivo de chacota na turma, os próprios alunos ficam as abusando. Eu tive que fazer uma intervenção no meio da aula e falar sobre a questão de *bullying*. Para não deixar as meninas fora da aula eu sempre às inseria nas perguntas que eu fazia no decorrer da aula.

Vi que consegui prender a atenção deles abordando os impactos antrópicos dos humanos com o ataque de tubarões em Boa Viagem, entre outras coisas. Percebi que quando a gente começa a elucidar conteúdo baseados com o cotidiano dos discentes, os mesmos conseguem compreender e a aula se torna mais estimulante.

O que me deixou bem preocupado não só nesta oficina como em todas que ministrei que os alunos pensam que vamos brincar o tempo todo, e nunca querem saber

de conteúdo, acredito que foram estimulados a pensar que íamos brincar com os mesmos, uma problemática que deve ser bastante refletida.

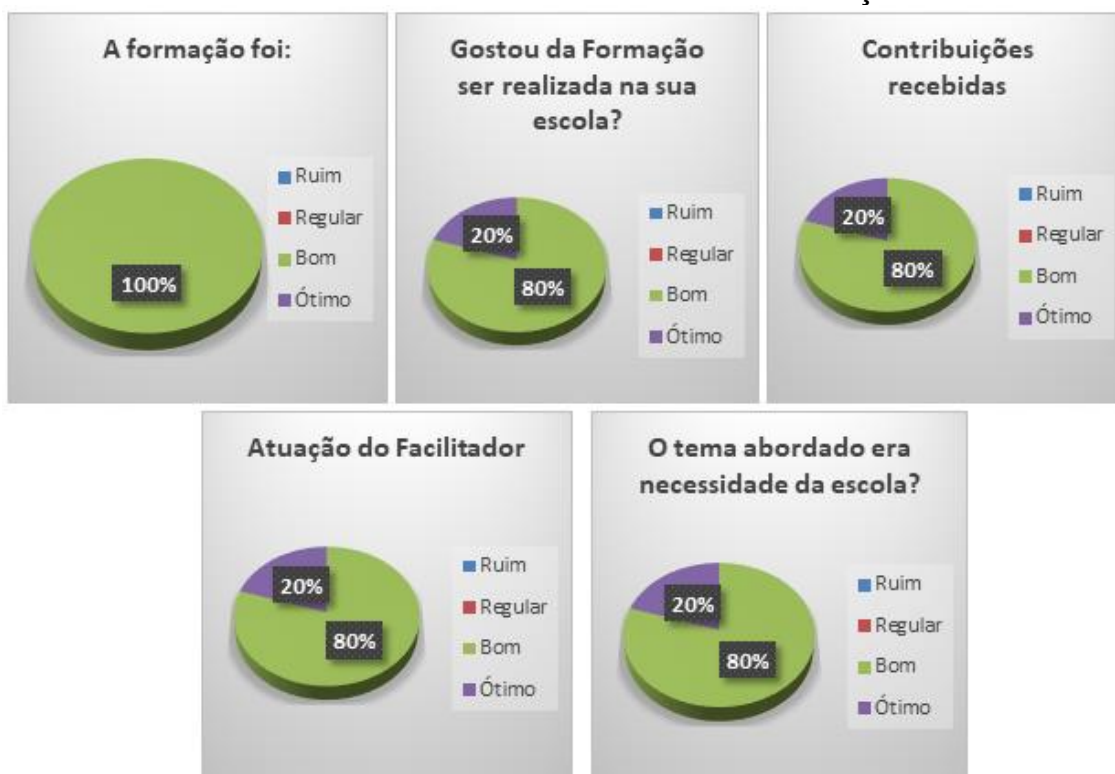


Os três dias de imersão foram bastante cansativos, porém, a experiência foi magnífica e muito prazerosa hoje percebo que quando estou assumindo uma sala de aula eu consigo transpassar o que eu sei, eu particularmente não me reconheci como futuro docente, pois, uma das minhas grandes problemáticas que tive antes de ingressar na residência foi esse meu medo de enfrentar uma sala de aula devido minha timidez, mesmo o perfil do curso apresentando com os estágios supervisionado eu não tinha tamanha autonomia e não me sentia muito à vontade.

Como sou tímido para falar em público eu não me observava como docente, pensava que ia falar rápido nas aulas, como acontece comigo quando estou muito nervoso, mas por incrível que pareça (agora que eu vim perceber) que durante as aulas eu nem nervoso estava e por mais cansado que eu estava eu tinha gás e estava querendo dá aula, gente agora eu posso dizer com “boca cheia” que eu amei literalmente, e está sendo uma das grandes experiências que estou tendo durante os últimos quatro anos que estou na universidade.

Convém ressaltar, que eu não tinha “aflorado” a questão do olhar escolar, como por exemplo, fazer uma diagnose de observação da escola e dos alunos, hoje trabalho isso e tento ver as fragilidades e potenciais que os apresentam. O mais interessante também da residência é que quando chegava à noite a gente estava nos quartos preparando materiais para o outro dia, pois, quando observamos a realidade escolar percebemos que era necessário fazer algumas modificações, fora as reuniões nos quartos que fazíamos, realmente a residência está sendo um aprendizado magnífico como pessoa e futuro docente.

ANÁLISE DOS DOCENTES SOBRE A FORMAÇÃO RECEBIDA



FÓRUM DOS GESTORES III ENCONTRO - 07/08/2018

O terceiro encontro com os gestores de Feira Nova para discutir os empasses e possíveis melhorais nos próximos planejamento de ensino ocorreu no Cais do Sertão – Recife instalado próximo ao Marco Zero, o museu supracitado presta sua homenagem à cultura, às histórias, ao povo sertanejo brasileiro.

O museu Cais do Sertão dispõe da demonstração de um sertão marcado de fortes contrastes nordestino sob inúmeras tecnologias que permite uma maior interação do visitante com esse universo nordestino. Em princípio, assistimos um vídeo “abre alas” para poder mergulhar nesse sertão (museu) recheado de interativos, a finalidade de conduzir os gestores para o museu foi mostrar o potencial que o museu tem como metodologia de ensino, além de proporcionar um momento descontraído para que possam conhecer um pouco do Recife, uma vez que, poucos conheciam o ambiente. Lá os gestores puderam participar de *karokes*, oficinas (onde tocaram alguns instrumentos) bem como diversas obras e indumentários dos nordestinos.

Saindo do Cais do Sertão, fomos em direção ao Paço Alfândega localizado próxima a antiga Livraria Cultura, lá tivemos como traçar algumas mudanças na próxima imersão. Verificamos os feedbacks dos gestores em relação a primeira atuação cujo um dos pontos mais relatados foi a falta de atividades e que a grande maioria os alunos ficavam muito ociosos, bem como a falta da utilização do quadro branco pelos residentes, pois, muitos estão acostumado com a escrita no quadro, todos os residentes

compreenderam as observações (sendo uma observação que já havíamos comentado internamente com grupo de residentes).

Em seguida, demonstramos as próximas oficinas que vão ser realizadas nas escolas da região, pois, caso haja discordância poderíamos fazer alterações e estabelecer uma nova oficina, porém, todas as gestores concordaram com a programação descrita, ficando cientes da nossa imersão no mês de Setembro. Convém ressaltar, que no mês de Agosto iremos auxiliar a escola no desfile cívico do dia da independência que ocorrerá. Por fim, cada residente conversou a respeito das suas oficinas e foi concordado que cada residente deverá enviar suas oficinas já corrigidas para os gestores para que os mesmos avaliem e vejam como será o processo de formação dentro das salas de aula.

OFICINA – SETEMBRO

CINCO SENTIDOS: SALA DE AULA COMO UM LABORATÓRIO EXPERIMENTAL

Palavras-chaves: ensino-aprendizagem; experimentação; anos iniciais; sentidos.

Público-alvo: Pré I, 1º ano, 3º ano A e 4º ano

Turno: Manhã

1. RESUMO

O corpo humano apresenta inúmeros neurônios e células especializadas que mediante a percepção dos sentidos são responsáveis por promover uma cascata de sinalização, conduzindo a mensagem até o córtex cerebral onde irá ser configurado em informação.

Tal mecanismo é essencial para interpretarmos os sentidos e captar a informação em que aquele objeto ou o ambiente externo exhibe. Entre os sentidos considera-se o tato, olfato, audição, paladar e visão cada um sendo responsável por interagir em determinados circuitos de sensações. No que se refere ao ensino, é primordial atribuir um valor significativo a essa temática, visto que por meio dos sentidos as crianças

“descobrem” o mundo, uma vez que é uma fase caracterizada por não sentirem medo de ver, sentir ou ouvir (DUARTE; BATISTA, 2013).

Nesse sentido, empregar práticas experimentais cujo utilizem percepções sensoriais podem promover a ampliação do cognitivo do discente o conduzindo como protagonista de seu próprio aprendizado. Partindo dessa conjectura, averiguamos que as práticas experimentais já não necessitam de um espaço laboratorial, visto que, com elementos de fácil aquisição é possível está executando em sala de aula, não sendo mais uma barreira para promoção do aprendizado contínuo (GOLOMBEK, 2009).

Elencamos, que em meio à inserção de novas possibilidades de ensino o processo investigativo torna-se uma categoria de ensino cujo tem o poder despertar fortes interesses no processo de ensino-aprendizagem.

2. OBJETIVO GERAL

O objetivo da referente oficina é realizar práticas experimentais em sala de aula com a finalidade de integrar e promover elo entre a teoria e a prática sem os dicotomizar.

2.1 OBJETIVO ESPECÍFICO

- Evidenciar as interligações do sistema sensorial com o corpo humano.
- Promover a quebra do ensino tradicional e inserindo elementos da arte que promova a investigação e o aprendizado de forma prazerosa.
- Conhecer o corpo humano e seus mecanismos de sensações.
- Estimular as relações interpessoais e o engajamento do trabalho em equipe.

3. METODOLOGIA

3.1 PRIMEIRO MOMENTO

Em princípio, será fixado no quadro branco algumas ilustrações referentes aos sentidos do corpo humano, o docente irá solicitar para que os alunos associem alguma estrutura presente no quadro a algum sentido, como por exemplo, uma vez que tenho a imagem de um ouvido o mesmo terá que associar ao sentido da audição e assim para as demais estruturas.

A partir disso o docente irá ter uma visão acerca das necessidades da turma, no que diz a respeito à forma de interpretação e recepção do conteúdo, e conseguirá desenvolver uma explanação da temática de cunho mais didático. Dessa forma, o docente irá explicar os cinco sentidos do corpo humano, que neste caso é o olfato, tato, visão, audição e paladar. Para cada abordagem de algum sentido será realizado algumas atividades, nesse momento as atividades serão voltadas para a visão e audição, os demais serão realizados no último momento como desfecho e recapitulação da temática. Segue algumas atividades para serem realizadas durante as elucidações dos dois sentidos supracitados:

Visão: Algumas figuras que trabalhe este sentido serão fixadas no quadro branco o que irá tornar a aula mais curiosa, dessa forma desenvolvendo o caráter investigativo no discente.

Atividade 1 –

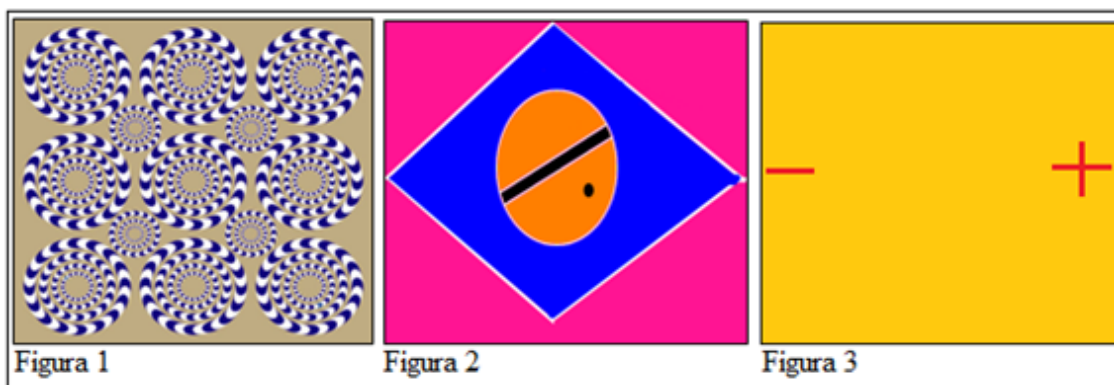


Figura 1: Ilusão de ótica, ilustração cujo demonstrar os círculos se movendo mesmo estando parados.

Figura 2: Olhe fixamente para o ponto preto durante alguns segundos (aproximadamente 30s), em seguida olhe para parede e comece a piscar os olhos inúmeras vezes, você irá observar a bandeira do Brasil com as suas respectivas cores (verde, amarelo e azul).

Figura 3: Essa técnica é comumente chamada de ponto cego. Para isso, olhe para a respectiva imagem tampe o olho direito e olhe para o símbolo (+), em seguida vá distanciando a imagem e perceberás que o símbolo (-) irá sumir, faça o mesmo para o símbolo (-) e perceberás que o símbolo (+) irá vai sumir. No geral, o ponto cego é cientificamente chamado de escotoma, um ponto obscuro do campo visual. No dia-a-dia é difícil perceber esta diferença, pois um olho compensa o ponto cego do outro.

Por ser um tema transdisciplinar trabalhar com ilusão de ótica estimula os educandos no desenvolvimento nos processos de observação, comunicação, formulação de hipóteses, coleta e interpretação de dados, uma vez que, são imagens que enganam a visão humana e, atualmente, estamos rodeados de ilusões de ótica e a televisão é um exemplo disso, pois trata-se de um conjunto de imagens estáticas que parecem ter movimento quando são apresentadas de forma rápida.

Atividade 2 – Será confeccionado pelos discentes alguns taumatrópios (ver referência, n. 1). Sendo assim, os alunos só irão pintar as estruturas presentes na imagem (que será disponibilizada pelo docente) e, posteriormente com o auxílio do docente irão estruturar o taumatrópios e ver o efeito de ilusão de ótica que o objeto construído pode causar.

A atividade em questão demonstrar a capacidade que o olho humano tem de reter a imagem, ou seja, as imagens permanecem por um determinado tempo em nossa retina - cérebro - de aproximadamente 1/16, dezesseis frames por segundo, qualquer imagem que fique mais tempo que esse dará impressão de movimento (MICHELLE, 2011, p. 1). Então a imagem que captamos - acima dessa velocidade - não se apaga antes que a próxima chegue, isso acontece sucessivamente - eis aí o movimento, ou a impressão de movimento.

Olfato: Para aguçar o olfato irá está exposto na mesa três copos com água cujo na composição vai apresentar alguns aromas seja de chá, vinagre, entre outros. O docente irá solicitar para que alguns alunos vão à frente da mesa sentir o cheiro e, posteriormente, dizer o que cheiro está sentindo, assim o docente consegue trabalhar com a temática em questão;

A proposta estimula o aluno a reconhecer cheiros, agradáveis e desagradáveis bem como perceber os cuidados com o nariz. Além disso, desenvolver a percepção do reconhecimento das pessoas que está convívio e descobrir quem é através do cheiro. Discutir sobre os cuidados com o aparelho do olfato. Saber que o olfato relaciona-se com o nariz e as sensores receptivos e com uma área do cérebro que nos permite sentir o cheiro.

Audição: Para estimular a audição será essencial o auxílio de um celular com o caixinha de som. Para isso o docente irá colocar uma música que fale sobre os sentidos e irá pedir para os alunos anotar numa folha de papel (que será disponibilizada pelo docente) os sentidos que escutam, no término da música o docente irá ver quantas palavras foram possíveis escutar. A atividade em questão trabalha e desenvolve a escrita do discente, bem como a forma de prestar atenção no que está sendo transpassado.

3.2 SEGUNDO MOMENTO

Com o auxílio do docente os alunos irão responder alguns exercícios relacionado ao que foi transmitido anteriormente em sala de aula. Cada aluno irá receber uma cartilha/apostila (que irão diferenciar de acordo com a turma devido a faixa etária) com quatro atividades a serem desenvolvidas. Convém salientar, que é crucial que o docente responda com toda a turma a apostila para que os alunos não fiquem dispersos, porém, isso vai depender do andamento da aula, uma vez que, se a turma ficar mais quieta você pode estipular um tempo para que os mesmos respondem-se sozinhos.

3.3 TERCEIRO MOMENTO

A sala será dividida em cinco grupos, o docente irá distribuir as temáticas referente aos cinco sentidos, sendo cada grupo responsável por um respectivo tema, a equipe irá ilustrar em uma cartolina um desenho que faça menção a sua temática proposta. No término da atividade, um integrante (ou todos, dependendo do andamento da turma) do grupo irá descrever o que desenvolveu e argumentar um pouco do seu tema. Finalizando todo procedimento, os cartazes deverão ser fixados em uma parede da sala.

3.4 QUARTO MOMENTO

Paladar: Inicialmente, a turma deverá ser estrutura em forma de U. Serão expostas em uma mesa algumas frutas, sendo as diversificadas em textura, cor e até cheiro cujo ficaram disponíveis para os alunos experimentarem. O docente irá solicitar que um aluno se posicione até a mesa e experimente alguma fruta, posteriormente, o docente irá solicitar para que o aluno descreva as sensações ao entrar em contato com a fruta, ou seja, se é mais doce ou salgado, em relação a sua textura se é mais áspera ou aveludada. Assim seja para outros produtos degustativos, por exemplo, teremos abacaxi, laranja e limão que são mais ácidos, tomate temperado com sal, e as jujubas e maçãs que são mais adocicadas.

Tato: Para estimular o tato, teremos uma caixa surpresa, dentro dessa caixa vão estar alguns objetos com texturas diferentes. Eles devem tocar nesses objetos para tentar adivinhar o que é (a revelação deve ser feita no segundo momento independente dos acertos).

OBSERVAÇÃO: AS ATIVIDADES DESCRITAS PODEM SER APLICADAS PARA O PRÉ-II COM PEQUENAS ADAPTAÇÕES, VISTO QUE SÃO ATIVIDADES QUE TRABALHAM COM A PERCEPÇÃO DO INDIVÍDUO. AS ATIVIDADES COM CARÁCTER DE ESCRITA PODEM SER MODULADAS PARA O PRÉ-II,

4. RECURSOS PEDAGÓGICOS

- 3 resmas de folhas de ofício
- 30 cartolinas
- 1 saco de jujuba azeda

- 4 fitas adesivas grossa
- Frutas (laranja, limão, abacaxi, maçã, mamão) e verduras (tomate)
- 3 pacote de liga elástica (com cem liga)
- 1 caixa de palito
- 4 caixas de hidrocor e de lápis de cera

5. RESPONSÁVEL PELA TURMA

Docentes/Residentes	Turmas/Anos	Quantitativo de alunos
Gênesis Medeiros de Lima & Fernanda Alves	Pré-I	24
Gustavo Henrique da Silva Barbosa	1º	20
Luís Romário da Silva Santos	3º	19
Moneta Alves dos Santos	4º	32

REFERÊNCIA

1. COMO HACER UM TAUMATROPO CLÁSSICO | FACILÍSSIMO. <<https://www.youtube.com/watch?v=bSN5GrWfrCA>> Acesso 15 de agosto 2018.
2. DUARTE, B. S.; BATISTA, C. V. M. Desenvolvimento infantil: importância das atividades operacionais na educação infantil, p. 292-306, 2013.
3. GOLOMBEK, D. A. Aprender e ensinar ciências: do laboratório à sala de aula (e vice-versa). Sangari Brasil, v. 2, 2009.
4. MICHELE. Taumatrópio. Oficina de animação, p.1, 2011.



RELATO DA I VIVÊNCIA NO COLÉGIO SOUZA LEÃO

PAULO VITOR GALDINO DA SILVA

A oficina ocorreu da maneira planejada, houveram algumas mudanças que realizei na minha oficina, como na parte introdutória cujo não utilizei a caixa com espelho, porém, utilizei uns crachás para que os mesmos coloquem o nome deles e o animal que se identificassem. A partir disso fui fazendo analogia ao meio ambiente e inserindo eles

nesse contexto ambiental, em caso de alguma poluição no ambiente. Além disso, outra mudança foi realizada, onde os alunos foram responsáveis por desenvolverem projetos ambientais que engaje a sociedade a promover mudanças nos hábitos sociais, buscando sempre problemáticas e soluções para o que estava sendo estudado.

Observação: Aconselho que quando houver prática laboratorial, o auxiliar poderia conduzir a prática elucidando aos alunos os procedimentos a serem realizados, ao invés do docente, visto que o mesmo pode modular o tempo para todas as turmas o que torna o tempo mais flexível para ele mesmo. Pois, você como docente não irá ter noção de hora, materiais e vai querer falar mais que o suficiente. O auxiliar elucidando ele saberia quais os pontos principais a se destacar na prática e o docente caso necessário fazia alguma intervenção breve.

Os alunos foram assíduos e as atividades realizadas ocorreram de maneira satisfatória. Porém, dentro da sala de aula alguns alunos apresentam alguns atritos com eles mesmo, o que às vezes acaba gerando um certo desentendimento, sobretudo, esse fator eu conseguir driblar.

Observação: Convém ressaltar, que para próxima intervenção se o formador não for o mesmo, existe um aluno surdo no qual escuta muito pouco, porém, se tem um aluno intérprete na sala de aula que o auxilia na compreensão do conteúdo caso necessário.

Diante desse panorama, verifiquei que tudo que aprendemos na academia não condiz na prática escolar, uma vez que, durante o processo de ensino-aprendizagem passamos por diversas modulações para poder alcançar as diferentes idiosincrasias, bem como fazer o elo entre a teoria e a prática requer uma certa transposição didática do docente para que consiga atingir o nível contextualização. Sobretudo, me inserir em uma realidade escolar cujo ainda não esperava bem como uma turma de 3º ano sendo um grande desafio para mim, no entanto, a escola apresentava de todas as ferramentas para conduzir uma aula dinâmica e de cunho reflexivo altíssimo.



OFICINA – NOVEMBRO

TÍTULO: DESENVOLVENDO O COGNITIVO DO ALUNO POR
MEIO DE ATIVIDADES LÚDICAS PARA O ENSINO DE
PORTUGUÊS E MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Palavras-chaves: Anos iniciais; letramento; matematizando.

Público-alvo: Pré I, Pré II e 1º ano.

1. RESUMO

Considera-se dentro das disciplinas escolares o português e a matemática como elementos relevantes na construção social do estudante, dado que, permite a socialização, a capacidade de pensar e articular problemáticas, bem como resolver questões em espaço-tempo. Na matemática, por exemplo, se apresenta pelos estudantes como uma disciplina com conotação negativa, interpretada como um aspecto abstrato, homogêneo e fechado (CARDOSO; SANTOS, 2014). No que se refere ao português, as taxas de estudantes alfabetizados com baixo letramento é expressivo, acredita-se que esse fator pode estar interligado a problemas cognitivos, assim como existe analfabatos que apresentam um certo nível de letramento (SOARES; BATISTA, 2005). Portanto, a leitura e os numerais são processos fundamentais para qualquer área do conhecimento, para todos os níveis educacionais, assim como para quaisquer instância da vida. Dessa forma, devem ser iniciados desde o início de sua escolarização, no período de alfabetização, para assim incluir o estudante na realidade social. Assim, capacitando a criança como um todo e não de modo fragmentado. É nesse período que começamos a perceber o quanto é importante a prática da leitura, adquirindo o poder da identificação da leitura de nosso mundo para a leitura da palavra. Diante o panorama, é válido ressaltar que o método de ensinar a matemática não se baseia em processos mecânicos para que o aluno chegue ao resultado, e sim, favorecer espaço para reflexão e resolução do problema. Portanto, conduzir metodologias de aprendizagens que explore o cognitivo do estudante pode levar a resultados significativos. Dentro desta linha Bacich e Moran (2018.p.3) ressaltam que os processos de aprendizagem são múltiplos, contínuos, híbridos, formais e informais, organizados e abertos, intencionais e não intencionais.

2. OBJETIVO GERAL

Promover a contextualização da aula mediante os elementos da arte, bem como atribuir um valor significativo as disciplinas, português e matemática, desfragmentando uma visão negativa na formação inicial dos estudantes.

2.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Empreender o letramento por meio de soletração e do ditado.
- Identificar as dificuldades na leitura e trabalhar atividades que venham mitigar essas dificuldades.
- Trabalhar a matemática como uma disciplina lúdica fragmentando o abstrato construído pelos discentes.

3. METODOLOGIA

PORTUGUÊS

PRIMEIRO MOMENTO - CONHECENDO O ALFABETO

Será exposto inúmeras letras do alfabeto no chão da sala, o docente anunciará uma letra e irá solicitar que um aluno a identifique, assim fazendo essa repetição para todos os alunos. No final, o docente pode solicitar que os discentes falem em voz alta todas as letras do alfabeto.

Objetivo: Além de trabalhar o alfabeto essa atividade vai permitir que o residente conheça o nível de letramento em que os alunos se encontram, para dessa forma ter um panorama maior da turma em que está sendo inserido, assim pode-se obter uma noção das atividades que poderão ser propostas para os alunos e de que maneira serão executadas.

SEGUNDO MOMENTO - PLACA DA LEITURA

Será desenvolvido três ou duas placa cujo nela irá apresentar diversas palavras soletradas, porém, nesta placa o “sufixo” da palavra sempre será fixo, como por exemplo o “to”, assim na placa irá ter diversos prefixo que quando soletrados com a palavra “to” irá formar uma palavra, assim como as palavras o **m**ato, **g**ato, **b**eto, entre outros. Os alunos juntamente com o docente vai observar a frase e falar.

Objetivo: trabalhar as sílabas das palavras e a atenção, desenvolvendo dessa forma os processos cognitivos da criança.

QUARTO MOMENTO - RODA DE CONTOS POR MEIO DA PERSONIFICAÇÃO

Este momento foi descrito pela residente Samarina em sua oficina, apresentando algumas modificações. Para isso, será realizado um círculo na sala de aula para que o docente possa transitar melhor, será um conto (Tópico: Leitura) com um contexto que envolve o alfabeto ou a matemática. É interessante sempre utilizar uma voz clara e com entonação características de cada personagem atraindo sempre a atenção dos alunos para a história que está sendo contada, estimulando sempre o mundo imaginário das crianças. É importante não reter muito tempo neste segundo momento, pois como são crianças pequenas eles não conseguem ficar muito tempo parado. É interessante também que neste momento o contador de história esteja vestido a caráter do contexto da história realizando a personificação de alguns personagens.

Objetivo: Propiciar o despertar pela leitura, pois, não basta apenas saber ler e escrever, a criança tem que sentir o prazer de estar lendo, bem como desenvolvam um dialeto mais rebuscado além de contribuir para suas interações sociais.

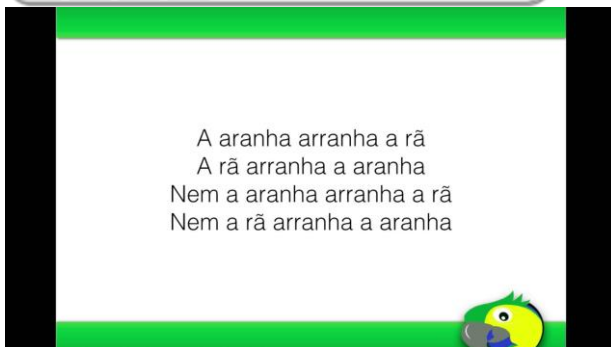
QUINTO MOMENTO -

Será trabalhada com os alunos a separação silábica de palavras que possuem dígrafos, como também a leitura de trava línguas. Será distribuído aos alunos alguns imagens impressas onde eles realizarão as atividades. Em seguida será trabalhado com os alunos atividades que envolvam o estudo das vogais bem como suas separações.

Objetivo: Trabalhar a escrita e fala dos alunos e observar possíveis erros de escrita leitura

Ordene as sílabas e forme palavras. Depois circule os dígrafos.

A	TO	LHA	
RU	BA	LHO	
MI	GUI	FOR	NHA
SI	MO	PES	
SAR	A	MAS	
NHAR	CA	MI	
NA	PIS	CI	
SE	DE	NHO	
CHE	BO	CHA	
CO	MAR	RE	
PRES	SA	DE	
RI	DO	QUE	
SO	EX	CES	
	RA	GUER	
GA	LI	NHEI	RO



MATEMÁTICA

SEXTO MOMENTO - TRABALHANDO OS NÚMEROS EM PRÁTICA

Em princípio, será realizado um círculo na sala de aula. Para realização da atividade será disponibilizado dois dados de números por turma, onde cada aluno irá arremessar por vez. Ao identificar os números e realizar a soma, o aluno deve reunir tampinhas na quantidade correspondente ao resultado da queda, depositando em um local sinalizado pelo número em questão (no caso, haverão 12 locais, e esses podem ser criados pelo residente: delimitação no chão com fita colorida, garrafa pet cortada ao meio, etc).

No decorrer das jogadas, é importante que o residente exponha e comente com a turma sobre o acerto ou erro, estimulando sempre o diálogo acerca das contagens e identificações dos numerais.

Observação: No caso do Pré 1, pode-se utilizar apenas um dado, com 6 locais para serem depositadas as tampinhas, caso o residente identifique que a atividade esteja a frente do nível da turma.

SÉTIMO MOMENTO - A RODA MATEMÁTICA

Um roda será formada pelos alunos onde irão andar em círculo e cantar a canção:

“1, 2, 3 vou brincando e aprendendo, a roda matemática você fica sabendo

4, 5, 6 vamos todos calcular, 7, 8, 9, o que o professor falar”

No momento em que a canção para o professor dirá em voz alta alguma operação, por exemplo: $4 + 4$. Ao ouvirem a pergunta, os alunos terão que se direcionar até o número do resultado que estará no meio da roda entre vários outros números, colocando uma de suas mãos em cima do número, que será confeccionado com papelão.

Dependendo do nível da turma, o residente pode tanto elaborar perguntas mais simples como mais difíceis. No caso do Pré I, pode-se dizer em voz alta apenas um número, por exemplo: “seis!”, e então os alunos irão se direcionar até o número que acham que é o número seis.

→ 1 ANO

BOLICHE DOS NÚMEROS

1. MOMENTO

A turma será dividida em 2 equipes onde cada integrante da turma jogara uma bola pra derrubar as garrafas pets, que estarão numeradas de 1 a 6, dependendo da numeração que sair eles terão 1 minuto para dar a resposta, o aluno pode contar com a ajuda da sua equipe, o resultado tem que ser de soma e subtração (Dependendo do nível da turma), depois do tempo determinado eles dariam a resposta

2 .MOMENTO

Outro integrante do grupo colocaria no ábaco, a resposta da atividade, (assim no momento do jogo ao menos 2 integrantes da equipe estariam na atividade), o residente será responsável em auxiliar os alunos caso seja necessário.

3. MOMENTO

O quadro será dividido ao meio para que cada equipe coloque seus resultados residente vai anotando no quadro os acertos e erros das duas equipes assim no final do jogo podendo se discutir as respostas , como também tirar alguma dúvida que os alunos venham a ter. nesse jogo eles vão aprender a trabalhar em equipe, como também a coordenação motora que nessa idade ainda não está tão afinada.

4. MOMENTO

Depois que todos os participantes da equipe terminarem as rodadas será feita uma soma e a de todos os números que saíram, assim eles podem aprender as funções matemáticas simples de forma prática e divertida



4. RECURSOS PEDAGÓGICOS

Solicitação por: Paulo Vitor Galdino da Silva

- 5 cartolinas coloridas
- 6 emborrachado ou 3 rolos papel alumínio
- Cola de isopor
- 1 saquinho de canudos
- 30 folhas de ofício

Solicitação por: Manoel Malaquias

Solicitação por: Moneta

- 32 garrafas pet 2 litros
- 2 emborrachados para fazer os números
- cola de isopor
-

Solicitação por: Genesis

5. RESPONSÁVEIS PELA TURMA

6. TÓPICO: LEITURA

Era uma vez, na época em que os animais falavam, três porquinhos que viviam felizes e despreocupados na casa da mãe. A mãe era ótima, cozinhava, passava e fazia tudo pelos filhos. Porém, dois dos filhos não a ajudavam em nada e o terceiro sofria em ver sua mãe trabalhando sem parar. Certo dia, a mãe chamou os porquinhos e disse: __Queridos filhos, vocês já estão bem crescidos. Já é hora de terem mais responsabilidades para isso, é bom morarem sozinhos. A mãe então preparou um lanche reforçado para seus filhos e dividiu entre os três suas economias para que pudessem comprar material e construir uma casa.

Estava um bonito dia, ensolarado e brilhante. A mãe porca despediu-se dos seus filhos: __Cuidem-se! Sejam sempre unidos! - desejou a mãe. Os três porquinhos, então, partiram pela floresta em busca de um bom lugar para construírem a casa. Porém, no caminho começaram a discordar com relação ao material que usariam para construir o novo lar. Cada porquinho queria usar um material diferente. O primeiro porquinho, um dos preguiçosos foi logo dizendo: __ Não quero ter muito trabalho! Dá para construir uma boa casa com um monte de palha e ainda sobra dinheiro para comprar outras coisas. O porquinho mais sábio advertiu: __ Uma casa de palha não é nada segura. O outro porquinho preguiçoso, o irmão do meio, também deu seu palpite: __ Prefiro uma casa de madeira, é mais resistente e muito prática. Quero ter muito tempo para descansar e brincar. __ Uma casa toda de madeira também não é segura - comentou o mais velho- Como você vai se proteger do frio? E se um lobo aparecer, como vai se proteger? __ Eu nunca vi um lobo por essas bandas e, se fizer frio, acendo uma fogueira para me aquecer! - respondeu o irmão do meio- E você, o que pretende fazer, vai brincar conosco depois da construção da casa? __ Já que cada um vai fazer uma casa, eu farei uma casa de tijolos, que é resistente. Só quando acabar é que poderei brincar. - Respondeu o mais velho. O porquinho mais velho, o trabalhador, pensava na segurança e no conforto do novo lar. Os irmãos mais novos preocupavam-se em não gastar tempo trabalhando. __ Não vamos enfrentar nenhum perigo para ter a necessidade de construir uma casa resistente. - Disse um dos preguiçosos. Cada porquinho escolheu um canto da floresta para construir as respectivas casas. Contudo, as casinhas seriam próximas. O Porquinho da casa de palha, comprou a palha e em poucos minutos construiu sua morada. Já estava descansando quando o irmão do meio, que havia construído a casa de madeira chegou chamando-o para ir ver a sua casa. Ainda era manhã quando os dois porquinhos se dirigiram para a casa do porquinho mais velho, que construía com tijolos sua morada. __ Nossa! Você ainda não acabou! Não está nem na metade! Nós agora vamos almoçar e depois brincar. - disse irônico, o porquinho do meio. O porquinho mais velho porém não ligou para os comentários, nem para as risadinhas, continuou a trabalhar, preparava o cimento e montava as paredes de tijolos. Após três dias de trabalho intenso, a casa de tijolos estava pronta, e era linda! Os dias foram passando, até que um lobo percebeu que havia porquinhos morando naquela parte da floresta. O Lobo sentiu sua barriga roncar de fome, só pensava em comer os porquinhos. Foi então bater na porta do porquinho mais novo, o da casa de palha. O porquinho antes de abrir a porta olhou pela janela e avistando o lobo começou a tremer de medo. O Lobo bateu mais uma vez, o porquinho então, resolveu tentar intimidar o lobo: __ Vá embora! Só abrirei a porta para o meu pai, o grande leão!- mentiu o porquinho cheio de medo. __ Leão é? Não sabia que leão era pai de porquinho. Abra já essa porta. - Disse o lobo com um grito assustador. O porquinho continuou quieto, tremendo de medo. __ Se você não abrir por bem, abrirei à força. Eu ou soprar, vou soprar muito forte e sua

___ Muito obrigado, mas não queremos, temos muitas frutas aqui.
 O lobo furioso se revelou:
 ___ Abram logo, poupo um de vocês!
 Os porquinhos nada responderam e ficaram aliviados por não terem caído na mentira do falso vendedor.
 De repente ouviram um barulho no teto. O lobo havia encostado uma escada e estava subindo no telhado.
 Imediatamente o porquinho mais velho aumentou o fogo da lareira, na qual cozinhavam uma sopa de legumes.
 O lobo se jogou dentro da chaminé, na intenção de surpreender os porquinho entrando pela lareira. Foi quando ele caiu bem dentro do caldeirão de sopa fervendo.
 ___ AUUUUUUU!- Uivou o lobo de dor, saiu correndo em disparada em direção à porta e nunca mais foi visto por aquelas terras.
 Os três porquinhos, pois, decidiram morar juntos daquele dia em diante. Os mais novos concordaram que precisavam trabalhar além de descansar e brincar.
 Pouco tempo depois, a mãe dos porquinhos não agüentando as saudades, foi morar com os filhos.
 Todos viveram felizes e em harmonia na linda casinha de tijolos.

REFERÊNCIA

- BACICH, L. MORAN, J. Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Editora Penso, 2018.
- CARDOSO; V.; JULIANO, C. As dificuldades no ensino aprendizagem da matemática. *Revista de Ciências Sociais do Norte de Mato Grosso*, v. 1, n. 2, 2014.
- SOARES, B. C.; BATISTA, A. A. G. Alfabetização e letramento: caderno do professor. 64 p., 2005.



IV FÓRUM DOS GESTORES

A última reunião dos gestores das escolas de Feira Nova foi realizada em uma pegada ecológica em um fragmento de mata atlântica, sendo assim o local escolhido pelos residentes foi sítio do Bambuí situado no município do Cabo de Santo Agostinho em Pernambuco.

O local escolhido pelo residentes teve finalidade de quebrar a formalidade do “termo” reunião e deixar os gestores mais à vontade, assim como desconectar um pouco do mundo corrido bem como refletir e (re)lembrar as infâncias por meio das atividades que seriam realizadas e conduzidas pelos residentes.

Inteiramente o fórum foi realizado pelos residentes, desde a preparação do café da manhã até a elaboração das trilhas onde aconteceu as ilhas de formações. Cada ilha em questão abordava uma determinada reflexão, com intuito de extrair o máximo de pensamentos e vivências prazerosas, deixando o gestor desconectado do chronos e

passando a vivenciar mais o ambiente sentindo-se criança novamente sem se preocupar com os problemas do momento.

Em princípio, os gestores foram recepcionados com um grande café da manhã, realizado especialmente pelos residentes, posteriormente os residentes foram para suas respectivas ilhas de formação. Para iniciar a trilha foi realizada um alongamento juntamente com os residentes Luiz e Samarina, posteriormente, os gestores foram condicionados a primeira ilha onde promoveram suas caracterizações mediante os utensílios dispostos, onde trabalhou a união e as brincadeira e cantigas da infância.

Seguindo para a segunda ilha os mesmos encontraram uma grande fogueira onde refletiram sobre suas escolas os grandes empasses e desafios encontrados na mesma. Na terceira ilha os gestores foram concebidos por um caça ao tesouro onde tinham que encontrar algumas frases relacionadas ao trabalho em equipe.

Em continuidade, a terceira ilha foi o momento da socialização dos residentes e gestores, porém, inicialmente formou um grande círculo onde os gestores e residentes intercruzam as mãos e fecharam os olhos, e sob a leitura do residente Gustavo sobre a infância e os grandes problemas da sociedade, os gestores fecharam os olhos e começaram a refletir sobre aquele momento texto de Robert Fulghum.

No final, foi refletido o potencial da última imersão que casou nas escolas em Feira Nova e as mudanças nas oficinas que foram realizadas mediante as considerações do II fórum dos gestores, assim pudemos socializar as oficinas que seriam realizadas no mês seguido contribuindo no processo ensino-aprendizagem dos discentes.



VIVÊNCIAS FORMATIVAS –

FEIRA NOVA

A última residência foi enriquecedora para nossa formação docente, visto que nos encorajou a desenvolver oficinas fora da nossa zona de conforto com atividades direcionadas ao Português e a Matemática tanto para o Ensino Fundamental dos Anos Finais e Iniciais.

A princípio, me sentir extremamente inseguro das atividades que iria realizar, no primeiro dia no turno da manhã apliquei a oficina juntamente com o residente Odon Porto com grande maestria pude trocar experiência e aprender com ele variadas técnicas de ensino para o ensino do Português e da Matemática, assim como trocamos algumas ideias e relatei características no mesmo que podem ser melhoradas. A turma nos concedeu de forma satisfatória e o assunto transpassado ocorreu de maneira esperada. Em comparação ao turno da tarde, me deparei com uma realidade e uma turma bastante complicada, inicialmente, tive alguns empasses com alguns alunos cujo estavam se cortando, fazendo tatuagem na pele com estilete, tive que parar a aula e chamar a gestão, pois, mesmo eu conversando alguns alunos continuavam com a prática supracitada e até mesmo chamando a gestão não resolveu tanto, porém, durante o decorrer das aulas eu consegui

atrair atenção deles trazendo-os para o processo de aprendizagem e assim começaram a se engajar.

No segundo dia, no turno da manhã, tive o prazer de estar com a presença de uma residente pedagógica que estava acompanhando minha aula. A aula foi aplicada para uma turma de 9º ano onde inicialmente fiquei bastante receoso, pois, as temáticas de Matemática tinham uma abordagem mais aprofundada, porém, com o decorrer da aula consegui driblar esse desafio e a aula ocorreu de maneira excepcional a aula, em alguns momentos tive até a ajuda da residente pedagógica cujo a inserir também nesse processo. Já no turno da tarde foi o momento de atuar como mediador auxiliando os residentes na minha escola, percebi que as atividades que desenvolvemos conseguiram prender a atenção dos alunos e atingir o esperado, fazendo os atuar e aflorar o protagonismo desses alunos, digo isso em comparação a primeira imersão realizada nesse turno onde a oficina proposta não conseguiu atrair a atenção dos mesmos.

No dia terceiro, tive o enorme prazer de lecionar para uma turma com faixa etária menor e percebi que minha desenvoltura frente a esta turma, que foi muito diferente quando estava no início da residência cujo eu não tinha jeito para ministrar aula para tal faixa etária, alunos do ensino fundamental anos iniciais, visto que nossa formação acadêmica docente como licenciando em biológicas é mais voltada para o Ensino Fundamental do Anos Finais e Ensino Médio.



VIVÊNCIAS FORMATIVAS – SOUZA LEÃO



TURNO – MANHÃ

No turno da manhã a oficina foi ministrada para a turma de 7º do Ensino Fundamental juntamente com a residente Samarina, a temática abordada foi História da Copa no Brasil. O tema executado em sala de aula foi solicitado previamente pelos alunos de acordo com a análise realizada com os mesmos na última vivência formativa realizada.

Inicialmente, desenvolvemos algumas atividades pertencentes a planificação realizada, em uma das atividades, a da fita no chão, tivemos uma noção do nível emocional, psicológico e motor dos alunos em sala de aula, podendo assim compreender se os alunos sofriam de depressão, passavam por problemas familiares, triste, entre outras análises realizadas.

Trabalhos a temática em questão de maneira transversal e interdisciplinar, a sala apresentava-se bastante engajadora, acredito que devido à presença e a intimidade que os alunos tinham com a residente. Entrelaçamos diversificadas metodologias de ensino para

buscar o protagonismo do aluno, porém, algumas atividades não alcançam o êxito, devido a aula ser muito teórica.

Uma das atividades realizadas que conseguimos colocar o aluno como agente do seu aprendizado foi quando conduzimos os mesmos para a sala de informática onde lá desenvolveram pesquisa referente a temática que estava sendo trabalhada e no final tiveram que apresentá-la. Durante o decorrer dessa atividade os alunos se mostraram bastante proativos durante todo o processo.

Portanto, a aula lecionada nesta turma foi ótima, o que modificaria um pouco na planificação seria a questão de mais atividades com cunho tátil e motor, visto que a temática em si exigia um pouco da utilização do corpo nesse processo de aprendizagem.



TURNOS – TARDE

No turno da tarde foi a vez de colocar em prática o plano de aula realizado para o 3º do Ensino Médio cujo foi baseado nas metodologias ativas de ensino por estação. Nesse sentido, as metodologias ativas caracterizam-se por ser uma estratégia de ensino cujo fornece o envolvimento direto do discente com a temática elucidada, enfatizando o seu protagonismo em todos os processos, seja experimentando, criando ou desenhando, assim o docente apenas atua como um sujeito encarregado na mediação (BACICH; MORAN, 2018).

A temática executada teve o direcionamento para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), assim abordamos o ensino de genética e o ambiental. Inicialmente, como o processo de imersão foi adiado tivemos a aplicação do plano de aula um dia depois do ENEM, ou seja, acabou não direcionando tanto os alunos, porém, a aula acabou tornando-se como conhecimento para os alunos.

Como o dia de imersão foi um dia antes do ENEM, poucos alunos foram para a escola totalizando foram apenas de 8 alunos juntando de ambas as turmas do 3º ano M1 e M2. Nesse sentido como foram 6 estações e as atividades foram preparadas para duas turmas distintas, eu e o residente Gustavo pensamos em realizar as aulas juntos.

Sendo assim, pensamos em colocar os 8 alunos em uma estação só e os mesmos iam desenvolvendo e rotacionando, assim alcançando todos os estilos de aprendizagem. A aula foi prazerosa e tranquila de ministrar. Os alunos se demonstraram proativos durante todo o processo indagando e tirando dúvidas, estávamos bem empolgados assim como os alunos compartilhando as questões que caiu na prova fazendo analogia as atividades que estavam sendo trabalhadas. Tivemos momentos de descontração assim como de discussões a respeito das temáticas trabalhadas. Segue abaixo algumas atividades realizadas pelos alunos:

As duas primeiras imagens são células que foram realizadas na estação da cultura maker. A terceira imagem foi a estruturação de um heredograma pelos alunos baseados na resolução de um caso.



Fonte: Paulo

Vitor



ENCONTRO DE VIVÊNCIAS

EM ENSINO DE CIÊNCIAS

O evento (EVEC) foi realizado na Coordenadoria do Ensino de Ciências do Nordeste (CECINE) onde contou com a presença de diversos palestrantes e oficinairos. A proposta do EVEC esse ano foi de demonstrar o impacto e a produção de materiais didáticos da residência implementado escolas de Feira Nova e no Colégio Souza Leão.

Desde a programação até o desenvolvimento administrativo voltados a organização internas foram totalmente dirigidos pelos residentes do programa de extensão, sob auxílio intermediário de Marcos Barros, que não pode comparecer ao evento no dia o docente Marcos Barros sob a coordenação do mestrando Fredson Murilo.

Em princípio, tivemos a abertura do evento com o curta metragem realizado pelos residentes onde mostra nossa trajetória, desde a socialização das oficinas até chegada nas escolas para aplicação das metodologias alternativas de ensino, assim como o fórum dos gestores. Dessa forma, pudemos transpassar um pouco da residência para os participantes do evento, inclusive os docentes da GRE Metro Sul.

Posteriormente, tivemos a conferência realizada pela professora do Centro de Educação Marília Gabriela Guedes onde abordou na temática a história de Paulo Freire, comemorando os 50 anos da pedagogia do oprimido escrito pelo autor em questão. Em seguida, teve-se apresentações de grupo de trabalho, mesa redonda com um representante da escola Souza Leão e o secretário de educação de Feira Nova, o Claudison. Nessa mesa foi abordado diversas temáticas referente aos impactos que a residência vem causando e as perspectivas que o projeto pode causar nessas escolas.

À tarde participamos de algumas oficinas assim como foi aberta a sala temática cujo a mesma dispôs de alguns artefatos didáticos utilizadas durante o processo imersivo na residência tanto de Feira Nova quanto do Souza Leão. Assim podemos partilhar um pouco dos materiais para que outros profissionais da área possam se inteirar e realizar em suas salas de aula.

No dia seguinte, contamos com a apresentação de trabalhos e oficinas onde os congressistas puderam refinar e enriquecer seus conhecimentos frente às temáticas trabalhadas em ambos os blocos. Portanto, finalizamos o EVEC de dever cumprido, dessa forma, transpassando toda nossa trajetória durante o projeto em questão.



O QUE FOI A RESIDÊNCIA PARA MIM?

A residência para mim quebrou diversas barreiras, em especial com relação a visão do exercício profissional docente. A troca de experiências e o planejamento de aulas foram um dos processos que permitiram enriquecer minhas “experiências” prévias, que eram poucas.

Conseguí me (re)significar como futuro profissional, uma vez que, eu não me olhava atuando como docente na área, mas sim, como algum pesquisador científico. A residência me proporcionou esse olhar mais perceptivo e atento às questões intrínsecas em que uma escola pode apresentar.

Dessa forma, atualmente, a residência me proporcionou um gás maior para estar lecionando, coisa que não tinha antes, ou seja, lapidou e aflorou um desejo que não esperava obter para esse lado da educação, mesmo fazendo licenciatura.

Na residência aprendi muito com se dá a prática educativa, por exemplo, o fato de você ter contato direto com alunos distintos me ajudou a ser mais humano e compreender a realidade social em que as pessoas vivem, assim como desenvolveu mas meu lado paciente para as minhas escolhas e decisões.

As diferentes turmas tanto do Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais como o Ensino Médio me propiciou uma vasta experiência, pois, consegui perceber meus defeitos e falhas frente aos diferentes níveis de faixa etária.

Eu, Paulo Vitor, finalizo a residência com um sentimento enorme de gratidão por fazer parte desse grande projeto que futuramente pode vir gerar resultados significativos. Fico grato de ter sido selecionado, assim pude aprender mais sobre a educação, fato que não compreendia muito. Caso haja espaço para residentes no próximo ano, desejo sim estar me inteirando nesse projeto e fazendo parte da construção de significações e quebra de paradigmas tradicionais.